



ISBN 978-85-683-0209-5

#01

#ROSALUX01

“Daqui a trinta anos, quando enfrentaremos o fim das profissões e mais empregos serão ‘uberizados’, podemos muito bem acordar e imaginar por que não protestamos contra essas mudanças. Podemos sentir remorso por não termos buscado alternativas, mas não podemos mudar o que não entendemos. Portanto, estou perguntando o que significa a ‘economia do compartilhamento’?” [Trebor Scholz]

*Tradução e comentários Rafael A. F. Zanatta*



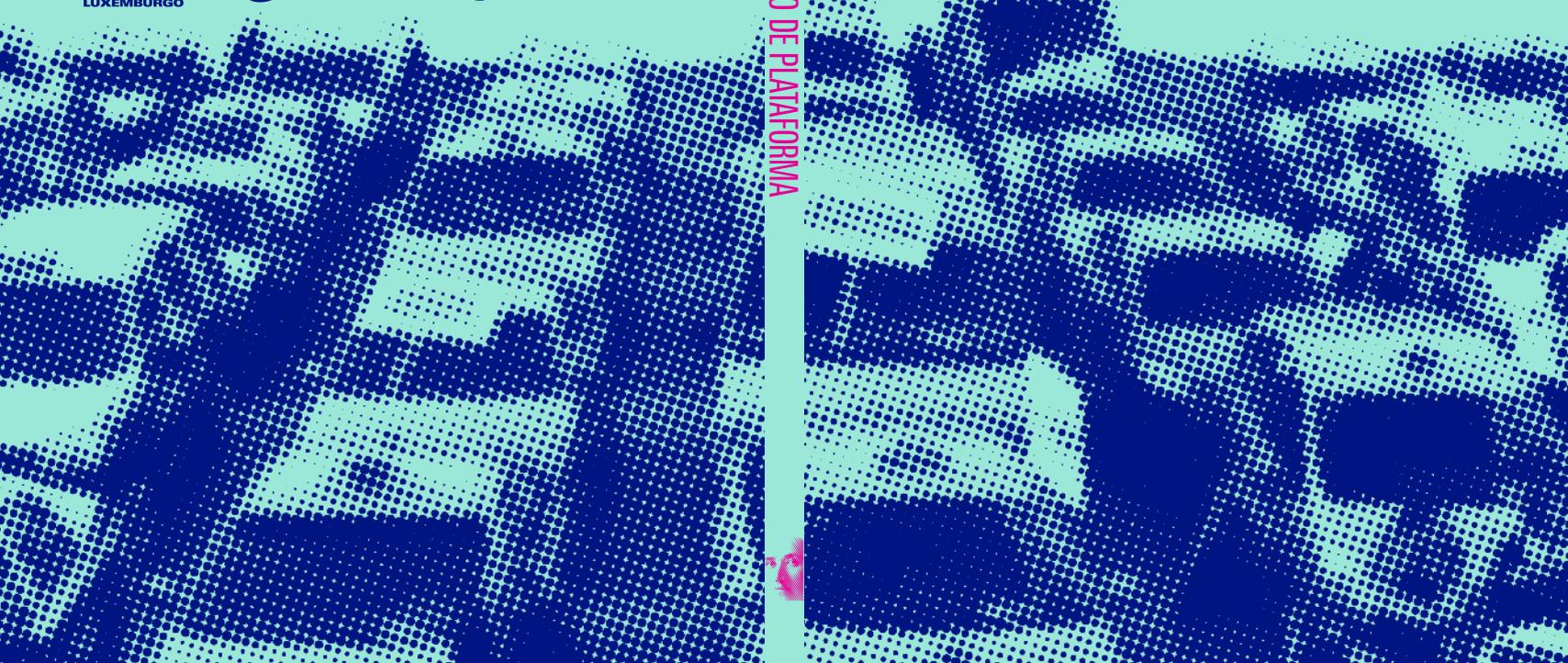
*elefante*  
EDITORA



AUTONOMIA  
LITERÁRIA

TREBOR SCHOLZ COOPERATIVISMO DE PLATAFORMA

# TREBOR SCHOLZ COOPERATIVISMO DE PLATAFORMA



**#ROSALUX01**



**FUNDAÇÃO  
ROSA  
LUXEMBURGO**

**COOPERATIVISMO  
DE  
PLATAFORMA**

**Contestando a  
economia do  
compartilhamento  
corporativa**

**TREBOR SCHOLZ**

**TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS  
Rafael A. F. Zanatta**



## SUMÁRIO

7	Prefácio à edição brasileira <i>Plataformas de solidariedade</i> ANA RÜSCHE e DANIEL SANTINI
15	Cooperativismo de Plataforma
25	I A economia do compartilhamento breudou
47	II A ascensão do cooperativismo de plataforma
63	III Rumo a uma tipologia das plataformas cooperativas
75	IV Dez princípios para o cooperativismo de plataforma
87	v Para todas as pessoas



**PREFÁCIO À  
EDIÇÃO BRASILEIRA**



## PLATAFORMAS DE SOLIDARIEDADE

A diferença entre  
transformar tudo em objeto  
de lucro e compartilhar de  
maneira inteligente

Ana Rüsche  
e Daniel Santini

A ideia de uma nova economia, mais inteligente e dinâmica, em que liberdade e facilidade valem mais do que posse absoluta e exclusiva de objetos, ganha força. Por que ter um carro se eu posso conseguir um com motorista em dois cliques no celular, a um preço razoável? Ou, invertendo a lógica, por que manter aquele quarto vazio nos fundos da casa quando alguém poderia aproveitar esse espaço? Para que deixar a bicicleta encostada ou um livro mofando? Por que não aproveitar melhor as coisas?

O mesmo raciocínio também aparece no campo das relações de trabalho. Por que não usar meu carro no final de semana para ganhar um extra dirigindo, já que a vida está tão cara? Não arranjo emprego, vou atrás de uns *freelas* em alguma plataforma virtual de oportunidades. Muitas vezes, a ideia é complementada pela justificativa de que assim é melhor, porque não tenho um chefe controlando meus horários.

Seja pela noção ecológica de dar vida útil maior às coisas, seja pela sedução que as novas tecnologias nos imprimem em um cotidiano tão veloz, seja pela necessidade de complementação de renda ou pelo desemprego, o atual pacto do *ubercapitalismo* está acessível a poucos toques: em um aparelhinho na palma da tua mão. Cantando as maravilhas que sempre desejamos – horários flexíveis, valorização do acervo e das habilidades pessoais –, nos fisga com um desejo antigo: a ilusão de não se subordinar e de finalmente tomar as próprias decisões.

Turbinadas pela velocidade da Internet, as relações de trabalho e as estruturas comerciais, em especial no setor de serviços, mudam com velocidade, em um vórtice que confunde quem legisla, quem trabalha e quem consome. O desprendimento em relação a possuir bens nem sempre é simples; por vezes, vem junto com o compartilhar por necessidade, por falta de opção em relação a fontes de renda. A simplicidade no acesso, que em um primeiro olhar pode ser entendida como democratização do consumo, se fundamenta, em muitos casos, em precarização absoluta de condições de trabalho e desregulamentação total, o que inclui elisão de impostos e falta de mecanismos mínimos de segurança social. Em um momento em que a economia se reestrutura, com protagonismo crescente de empresas transnacionais que vendem facilidades mais do que bens físicos ou serviços diretos, é preciso parar e refletir, olhar referências, analisar dados concretos, buscar alternativas.

O fenômeno está diretamente relacionado à fase atual do capitalismo e se repete, em diferentes intensidades, em todo o planeta. Em um momento em que, no Brasil, taxis-

tas em um mercado de trabalho precarizado, marcado pela venda ilegal de licenças e concessões, por corrupção e desrespeito às normas vigentes, tentam se organizar minimamente para resistir à invasão do Uber, serviço estruturado na ausência total de garantias trabalhistas e sociais, apresentamos um texto que, além de problematizar a questão, procura apresentar horizontes de esperança, delineando soluções e alternativas possíveis.

Trata-se da análise *Cooperativismo de plataforma*, na qual o escritor, artista e professor de cultura e mídia digital Trebor Scholz questiona o modelo de propriedade para a Internet. Em vez da economia de compartilhamento vendida como um pacote de “ideias geniais” (cuidadosamente fomentadas por departamentos de marketing de empresas), o que o autor propõe são **plataformas de cooperativismo** “de propriedade coletiva, possuídas pelas pessoas que geram a maioria do valor nessas plataformas, [e que] podem revigorar essa mentalidade pública inicial. O cooperativismo de plataforma pode mudar o modo como pessoas comuns pensam sobre suas relações na Internet.”

Não se trata de ignorar essas novas relações fundamentadas na confiança entre pessoas. Nem abandonar a perspectiva de melhor uso de objetos ou deixar de crer em formas de trabalho mais dignas. Mas sim fazer isso de maneira realmente inteligente, de modo a contribuir com a construção de novas formas de organização social e econômica. Em contraposição aos novos arranjos *ubercapitalistas ultraneoliberais*, o autor propõe os “dez princípios para o cooperativismo de plataforma”.

É justamente por combinar uma crítica afiada à economia de compartilhamento com propostas concretas que, em

meio a esse debate ainda incipiente no Brasil, o escritório local da Fundação Rosa Luxemburgo decidiu publicar este texto originalmente organizado pelo escritório de Nova York. A edição brasileira foi traduzida e enriquecida por Rafael Zanatta, mestre em Direito pela Universidade de São Paulo e em Direito e Economia Política pela Universidade de Turim, na Itália. Advogado, Zanatta é um dos intelectuais brasileiros que mais tem pensado a questão. Trabalha como pesquisador em direitos digitais e telecomunicações no Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor, e encabeçou a pesquisa “economia do compartilhamento e seus desafios regulatórios” pelo centro independente InternetLAB.<sup>1</sup>

Consideramos a discussão tão importante que a apresentamos em um novo formato de publicações, a *Coleção Rosalux*, espaço aberto para ideias inovadoras e reflexão sobre alternativas e utopias. Houve cuidados na estética, como a apresentação caprichada do Bloco Gráfico. Com a ajuda do Hugo Maciel, adotamos toques editoriais que incluem a preocupação em relação à inclusão linguística de diversas identidades de gênero. Por fim, não poderia faltar a licença aberta em *copyleft*, permitindo a livre reprodução gratuita.

1 InternetLAB. <http://www.internetlab.org.br>.



**COOPERA  
DE  
PLATAFO**

**ATIVISMO**

**PRIMA**



Entre todos os problemas do trabalho no século XXI – o inchaço do setor de serviços mal remunerados, a desigualdade econômica, o desmanche dos direitos trabalhistas –, o maior deles é que há tão poucas alternativas realistas. O que falta no debate sobre o futuro do trabalho é uma abordagem que ofereça às pessoas algo que elas possam abraçar de corpo e alma. É sobre isso que este estudo trata.<sup>1</sup>

Primeiro, irei refletir sobre as oportunidades, armadilhas e consequências da economia do compartilhamento. Usarei o caso da Amazon.com, que entrou fortemente na chamada “economia do compartilhamento”. Segundo, irei descrever a ascensão do cooperativismo de plataforma e irei oferecer exemplos de cooperativas existentes, bem como imaginárias. O que chamo de cooperativismo de plataforma envolve modelos de propriedade democrática para a Internet. Terceiro, irei esboçar dez princípios para plataformas de trabalho que trazem equidade para o trabalho em plataformas laborativas. Farei a conclusão com reflexões sobre os possíveis próximos passos para esse movimento em construção.

*As consequências da economia do compartilhamento* – a assim chamada “economia dos bicos”, “economia em pares ou “economia do compartilhamento”. Tomou um tempo para reconhecer que a economia do compartilhamento era na verdade uma economia de serviços sob demanda que foi

I Nota da revisão: decidiu-se evitar o masculino genérico para alcançar uma inclusão linguística maior de outras identidades de gênero. A substituição do determinante pelo “x” não apenas engloba a forma feminina, mas ao mesmo tempo questiona a binariedade na determinação de gênero e abre espaço para outras identidades possíveis. Não se quer sugerir nenhuma solução padronizada ou definitiva mas que sim, antes de tudo, que o uso do “x” possa provocar reflexão.

iniciada para monetizar serviços que antes eram privados. É verdade que existem oportunidades inegáveis para estudantes, trabalhadorxs escolarizadxs em busca de emprego e todas as pessoas que possuem um segundo lar. Agora, é mais fácil para quem estuda em uma universidade “descolar um bico” instalando móveis ou renovando a casa de alguém. Consumidorxs, acostumadxs com uma profunda apreciação por preços baixos e uma conveniência estilo Uber acima de tudo, dão boas-vindas a essas estrelas ascendentes. Mas deveríamos compreender a economia do compartilhamento como uma estrada que sinaliza um futuro do trabalho melhor e mais flexível? O que essa economia realmente nos trouxe?

Bem-vindx às “vilas de Potemkin”<sup>2</sup> da “economia do compartilhamento”, onde você finalmente pode vender as frutas das árvores de seu jardim para sua vizinhança, compartilhar uma corrida de carro, alugar uma casa na árvore na Floresta Vermelha, ou visitar o “KinkBnb”. Sua conveniência amigável é, para muitxs que trabalham, uma armadilha precária de salários baixos. Mas você, por outro lado, pode ouvir sua própria lista de músicas da Spotify em um carro da Uber. Você nunca mais sofrerá com aquilo que o economista George Akerlof chamou de “mercado de limões”;<sup>3</sup> essas novas plataformas estão introduzindo novos freios e contrapesos.

- 2 As “vilas de Potemkin” (ou “aldeias de Potemkin”) fazem referência ao príncipe Grigori Potemkin, que criou estruturas falsas de vilarejos em um trajeto de acesso à Crimeia, uma região devastada e pobre. A expressão tornou-se popular no Leste Europeu para designar estratégias de mascaramento ou criação de situações artificiais.
- 3 Akerlof, George A. The Market for “Lemons”: quality uncertainty and the Market mechanism, *The Quarterly Journal of Economics*, v. 84, n. 3, 1970, p. 488-500. doi: 10.2307/1879431.

Você é promovido a um cargo de gerência intermediária, capaz de demitir quem dirige para você. As empresas conseguiram até mesmo encontrar uma forma de sugar o valor financeiro de suas interações com objetos cotidianos, recrutando-os como informantes para o capitalismo de vigilância.

As empresas de trabalho “descoladas”, como Handy, Post-mates e Uber, celebram seus momentos Andy Warhol, seus 15 bilhões de dólares de fama. Elas revelam isso no fato de que lançaram suas plataformas monopolistas na ausência de uma infraestrutura própria. Assim como AOL e AT&T não construíram a Internet, e Mitt Romney não construiu seu negócio por si mesmo,<sup>4</sup> as empresas na “economia sob demanda” também não construíram seus impérios. Elas estão operando o seu carro, seu apartamento, suas emoções e, mais importante, seu tempo. Elas são empresas de logística que demandam que o participante pague a quem intermedia. Nós somos transformados em bens; essa é a financeirização da vida comum versão 3.0.

No ensaio “What’s Yours is Mine” (“O que é seu é meu”), o pesquisador canadense Tom Slee resume a questão:

Muitas pessoas bem-intencionadas sofrem de uma fé equivocada nas habilidades intrínsecas da Internet de promover comunidades igualitárias e confiança e, assim, inadvertidamente ajudaram e incitaram essa acumulação de fortuna privada e a construção de novas formas exploradoras de emprego.<sup>5</sup>

4 Review & Outlook. You Didn’t Build That. *The Wall Street Journal*, 19 jul. 2012. <http://www.wsj.com/articles/SB100014240527023043880045775333009I6053684>.

5 Slee, Tom. *What’s Yours is Mine: Against the Sharing Economy*. New York: Or Books, 2015.

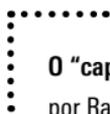
Na conferência Cooperativismo de Plataforma, John Duda, da organização Democracy Collaborative, afirmou que:

A propriedade das instituições de que dependemos para viver, comer e trabalhar está progressivamente concentrada. Sem democratizar nossa economia não teremos a sociedade que queremos ter, não seremos uma democracia. A Internet certamente não está ajudando. Ela é impulsionada por pensamento de curto prazo, lucros corporativos; ela é direcionada pela indústria de capital de risco e está contribuindo para a concentração de riqueza em poucas mãos. Ao passo que a economia digital se torna galopante, morar se torna totalmente inacessível. Precisamos reverter essa tendência.<sup>6</sup>

Trabalhos que não podem ser terceirizados para fora do país – como xs passeadorxs de cães e xs faxineirxs – estão se tornando subsumidos naquilo que Sascha Lobo e Martin Kenney chamam de “capitalismo de plataforma”.<sup>7</sup> A geração do *baby boom* está perdendo setores da economia – como transporte, alimentação e vários outros setores – para a geração do milênio, que ferozmente se apressa para controlar a demanda, a oferta e o lucro ao adicionar uma espessa “crosta de gelo de negócios” nas interações baseadas em aplicativos. Esta geração está estendendo os mercados livres desregulados a áreas previamente privadas de nossas vida

6 Duda, John. Platform Cooperativism: The Internet, Ownership, Democracy, 13-14 nov. 2015. <https://vimeo.com/149401422>.

7 Lobo, Sascha. Sharing Economy wie bei Uber ist Plattform-Kapitalismus. *Spiegel Online*, 09 mar. 2014. <http://www.spiegel.de/netzwelt/netzpolitik/sascha-lobo-sharing-economy-wie-bei-uber-ist-plattform-kapitalismus-a-989584.html>.



## O “capitalismo de plataforma” no Brasil

por Rafael Zanatta

Com mais de 100 milhões de pessoas conectadas à Internet banda larga e mais de 200 milhões de aparelhos celulares, o Brasil é um dos celeiros da “economia do compartilhamento” no mundo ocidental. A empresa Uber iniciou suas atividades em 2014 em São Paulo e no Rio de Janeiro, movimentando reguladorxs, conquistando clientes e provocando a ira de sindicatos de taxistas. A plataforma Airbnb também cresceu enormemente desde 2012 e, em 2016, tornou-se uma das opções oficiais de hospedagem dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. Tanto Uber quanto Airbnb possuem escritórios de negócios em São Paulo, com equipes recrutadas nas universidades de elite do Brasil.

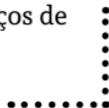
Durante o ano de 2015, diferentes centros de pesquisa no Brasil passaram a estudar o impacto da ascensão dessas plataformas, com ênfase nas tensões jurídicas para a regulação dessas empresas de tecnologia (InternetLab),<sup>8</sup> os conflitos concorrenciais em mercados específicos (FGV-Direito Rio)<sup>9</sup> e o impacto dessas plataformas na redefinição das relações sociais em grandes cidades (Cegesp-FGV).<sup>10</sup>

8 InternetLAB. *Blog: economia do compartilhamento*. <http://www.internetlab.org.br/pt/tag/economia-do-compartilhamento>.

9 Ver FGV. *1 Seminário Direito Rio/EPGE sobre Direito da Concorrência: A Economia de Compartilhamento*. <https://www.youtube.com/watch?v=oXylwoKzT5c>.

10 Ver o debate com o prefeito Fernando Haddad (PT): CEPESP GV. *Seminário Economia Compartilhada dos Transportes*. <https://www.youtube.com/watch?v=yxDldogx1cA>.

Ao lado das grandes plataformas de compartilhamento e serviços sob demanda, existem iniciativas brasileiras como ZazCar (plataforma de compartilhamento de veículo para uso pessoal),<sup>11</sup> Tem Açúcar?<sup>12</sup> (plataforma de empréstimos de utensílios na vizinhança), Loggi<sup>13</sup> (plataforma de entregas e serviços de entrega com motocicletas sob demanda) e Encontre um Nerd<sup>14</sup> (plataforma de serviços de assistência técnica em computadores).



A “economia do compartilhamento” é retratada como um prenúncio para a sociedade pós-trabalho – o caminho para o capitalismo ecologicamente sustentável onde o Google vencerá a própria morte e você não precisa se preocupar com nada. Com o slogan “O que é meu é seu”, o cavalo de Troia da economia do compartilhamento nos traz formas jurássicas de trabalho enquanto desencadeia uma máquina antissindical colossal, passando por cima de trabalhadorxs mais velhxs, especialmente. O autor alemão Byung-Chul Han emoldura o momento atual como a Sociedade da Fadiga.<sup>15</sup> Estamos vivendo, escreve ele, em uma sociedade orientada à realização, supostamente livre, determinada pelo chamado do “sim, nós podemos”. Inicialmente, isso cria um sentimento de liberdade, mas logo é acompanhado pela ansiedade, autoexploração e depressão.

11 Zazcar. <https://www.zazcar.com.br>.

12 Tem açúcar. <http://www.temacucar.com>.

13 Loggi. <https://www.loggi.com>.

14 Encontre um nerd. <http://encontreumnerd.com.br>.

15 Han, Byung-Chul. *Müdigkeitsgesellschaft*. Berlin: Matthes & Seitz, 2010.

Mais importante, não podemos ter essa discussão sem antes reconhecer que a “economia do compartilhamento” não é uma coisa embalada a vácuo e isolada no “ciberespaço”, mas é somente outro reflexo do capitalismo e do atlas massivo de práticas de trabalho digital. Consequentemente, não podemos ter uma conversa sobre plataformas de trabalho sem antes reconhecer que elas dependem de vidas humanas exploradas em toda sua cadeia de fornecimento global, começando com o hardware sem o qual toda essa economia “sem peso” iria afundar até o fundo do oceano.

Todos os amados dispositivos da Apple não podem ser considerados sem antes nos lembrarmos das condições de trabalho no que Andrew Ross chamou de “moinhos de suicídio da Foxconn” em Shenzhen, na China. Ou considerem-se os raros minerais da terra na República Democrática do Congo; é essencial seguir a cadeia de fornecimento que facilita todos esses estilos de vida aparentemente limpos e glamorosos da vida digital.

Há uma massa de corpos sem um nome, escondida por trás da tela, exposta a vigilância no ambiente de trabalho, espoliação da multidão, roubo de salários e softwares proprietários. Como alertado pelo ativista do software livre Micky Metts: “Ao construir plataformas, você não pode construir liberdade com base na escravidão de outrem”.<sup>16</sup>

Ao enfrentarem uma crítica política da economia sob demanda, certxs acadêmicxs argumentam que, bem, os teríveis resultados do capitalismo desregulado são bem com-

16 Metts, Micky. Cooperative Development: Thinking Outside the Boss. The Design for Co-Op Apps. *Internet Society*. <http://livestream.com/internetsociety/platformcoop/videos/105663835>.

preendidos, que essa lenga-lenga não precisa ser afirmada mais uma vez. Mas, talvez, como McKenzie Wark afirmou: “Isso não é capitalismo, isso é algo pior”. Ele sugeriu que “o modo de produção no qual parece que estamos entrando não é o capitalismo como classicamente descrito”.<sup>17</sup>

Isso não é uma mera continuação do capitalismo pré-digital como conhecemos, existem descontinuidades notáveis – novas formas de exploração e concentração da riqueza que me levaram a cunhar o termo “espoliação da multidão”. A espoliação da multidão é uma nova forma de exploração, executada por quatro ou cinco estrelas, que se apoia em uma massa global de milhões de trabalhadorxs em tempo real.

A situação atual precisa ser discutida na esteira de formas intensificadas de exploração online e outras economias mais antigas de trabalho invisível e sub-remunerado – pense na campanha “Wages for Housework” (salários para o trabalho doméstico) de Silva Federici, Selma James e Mariarosa Dalla Costa, e, nos anos 1980, na teórica cultural Donna Haraway discutindo as formas como as tecnologias de comunicação emergentes permitiriam que o “trabalho em casa” se disseminasse por toda a sociedade.

17 Wark, McKenzie. Digital Labor and the Anthropocene. *DIS Magazine*, <http://dismagazine.com/disillusioned/discussion-disillusioned/70983/mckenzie-wark-digital-labor-and-the-anthropocene>.

|

# **A ECONOMIA DO COMPARTILHAMENTO BRECOU**



Daqui a vinte ou trinta anos, quando provavelmente enfrentaremos o fim das profissões e mais empregos serão “uberizados”, podemos muito bem acordar e imaginar por que não protestamos contra essas mudanças com mais força. Apesar de toda a deliciosa e caseira conveniência da “economia do compartilhamento”, podemos acabar compartilhando as sobras e não a economia. Podemos sentir remorso por não termos buscado alternativas anteriormente. Sem dúvida, não podemos mudar o que não entendemos. Portanto, estou perguntando, o que a “economia do compartilhamento” significa?

Todo Uber tem um unter<sup>1</sup>

A economia do compartilhamento indica uma força global e massiva em favor de “construtores de pontes digitais” que se inserem entre as pessoas que oferecem serviços e as pessoas que estão procurando por tais serviços, imbricando assim processos extrativos em interações sociais. A economia sob demanda indica que o trabalho digital não é um fenômeno de nicho. A Upwork (anteriormente conhecida como oDesk and Elance) afirma ter em torno de 10 milhões de trabalhadorxs. A Crowdwork tem 8 milhões. A CrowdFlower, 5 milhões. Em 2015, 160 mil motoristas estavam nas ruas pelo Uber se você confiar em seus números.<sup>2</sup> Lyft reporta 50 mil motoristas. TaskRabbit afirma que possui 30 mil trabalhadorxs.<sup>3</sup>

1 N.R.: trocadilho com o alemão, *über* significa “em cima” e *unter* “embaixo”.

2 Bruns, Axel. *Wikipedia, Second Life, and Beyond: from production to produsage*. New York: Peter Land, 2008.

3 Smith, Rebecca; Leberstein, Sarah. *Rights on Demand: Ensuring Workplace Standards and Worker Security In the On-Demand Economy*.

Na Alemanha, sindicatos como ver.di concentram seus esforços em defender os direitos dxs empregadx enquanto, nos Estados Unidos, vejo pouca chance de retorno às 40 horas por semana para aqueles nos setores do trabalho autônomo ou temporário. A questão então se torna definir como podemos melhorar as condições de um terço da força de trabalho que não tem um emprego tradicional.

Os atuais modelos de negócios extrativos baseados em plataformas fazem com que as antigas pirâmides e fraudes da Internet pareçam experimentos socialistas. Douglas Rushkoff, autor de *Throwing stones at the google bus*,<sup>4</sup> aponta que, “em vez de criarmos negócios verdadeiramente distributivos estamos apenas colocando a economia industrial em esteroides, criando mais divisões extremas de riqueza e mais formas extremas de exploração. Estamos criando todas essas novas tecnologias, como Bitcoin ou blockchain, mas não perguntamos seriamente para quais fins programamos essas coisas”.<sup>5</sup> Os benefícios do capitalismo de plataforma para xs consumidorxs, proprietárixs e investidorxs são aparentes, mas o valor agregado para trabalhadorxs vulneráveis e o valor de longo prazo para xs consumidorxs são incertos, na melhor das hipóteses.

*National Employment Law Project*, set. 2015. <http://www.nelp.org/content/uploads/Rights-On-Demand-Report.pdf>.

- 4 N.R.: O título “Atirando pedras no ônibus do Google” refere-se a protestos nos Estados Unidos. No Vale do Silício, um ônibus que transportava trabalhadorxs da Google teve os vidros quebrados nessas manifestações em 2013.
- 5 Rushkoff, Douglas. *Platform Cooperativism: The Internet, Ownership, Democracy*, 13-14 nov. 2015. <https://vimeo.com/149979122>.

Novas dependências e novos comandos

A questão envolve a mudança dx empregadx, com seu documento de informe de renda W-2,<sup>6</sup> trabalhando 40 horas por semana, para umx trabalhadorx mais contingente, freelancer ou autônomx, também conhecidx nos Estados Unidos como “1099”<sup>7</sup> ou trabalhadorx de bicos.<sup>8</sup> Nesse processo, trabalhadorxs estão perdendo o salário mínimo, as horas extras e as proteções por meio de leis trabalhistas antidiscriminação. Empregadorxs também não precisam contribuir para o Medicare, seguro desemprego, sindicatos ou contribuições de seguridade social para xs trabalhadorxs.

.....

### **Xs trabalhadorxs no Brasil: diferenças básicas**

por Rafael Zanatta

De acordo com dados do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea), o número de pessoas que trabalham por conta própria, entre o total de ocupadxs, aumentou de 18%, em janeiro de 2013, para quase 20% em novembro de 2015. Na avaliação do Ipea, o aumento dxs autônomxs

- 6 O documento w-2 é um formulário que x empregadorx deve enviar para x empregadx e para o Internal Revenue Service (espécie de Receita Federal nos EUA) no final de todo ano fiscal.
- 7 O formulário 1099 é um relatório dos vários tipos de renda que x trabalhadorx pode ter recebido ao longo do ano e que sejam distintos do salário que umx empregadorx paga. Trabalhadorxs contingenciais precisam enviar os formulários 1099 para a autoridade fiscal nos EUA.
- 8 Como todx estudante de primeiro ano de MBA sabe, o emprego não é um conceito único, mas descreve um conjunto de direitos e são esses direitos trabalhistas centrais que estão em risco.

está relacionado à crise econômica e à redução dos empregos formais.<sup>9</sup>

No Brasil, há uma distinção entre trabalhadorxs autônomxs, profissionais liberais, microempreendedorxs e microempreendedorxs individuais.

Xs trabalhadorxs autônomxs não possuem vínculos com empresas e podem oferecer seus serviços para mais de uma empresa ao mesmo tempo. Xs autônomxs não podem ter horários fixos e não gozam de direitos trabalhistas, como o 13º salário, folga semanal remunerada e férias. A contribuição ao Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) é feita de modo individual e há pagamento de Impostos Sobre Serviços (ISS).

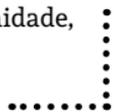
Xs profissionais liberais, como jornalistas e advogadx, precisam de qualificações e certificações. Podem constituir uma empresa por conta própria e, geralmente, possuem registros em conselhos (como a Ordem dos Advogados do Brasil). Os tributos pagos pelxs liberais vêm dos serviços prestados, como ISS. Xs liberais respondem pelos seus próprios erros mesmo no caso de carteira de trabalho assinada.

Xs microempreendedorxs precisam atuar como pessoa jurídica. Essxs trabalhadorxs podem constituir uma empresa de, no máximo, nove funcionárix e a renda não pode ultrapassar R\$ 360 mil por ano. A microempresa precisa declarar sua renda e pagar sua previdência. A

9 Ver Gandra, Alana; Pontes, Felipe. Com crise, mais brasileiros passaram a trabalhar por conta própria. *Agência Brasil*, 16 jan. 2016. <http://agencia-brasil.ebc.com.br/economia/noticia/2016-01/crise-eleva-trabalho-por-conta-propria-no-brasil-indica-economista-do-ipea>.

microempresa pode optar por pagar seus impostos pelo Simples Nacional (Sistema Integrado de Pagamento de Impostos e Contribuição de Microempresas e Empresas de Pequeno Porte).

X microempreendedorx individual (MEI), por fim, é uma modalidade criada em 2009 para aqueles que trabalham por conta própria. Para o registro como MEI, x trabalhadorx precisa ter renda anual de no máximo R\$ 60 mil e não ter vínculo com nenhuma outra empresa. X MEI está isentx do imposto de renda, PIS e Cofins. X trabalhadorx precisa se registrar no Portal do Empreendedor e pagar uma taxa de Imposto Sobre Serviço para a Prefeitura, além de uma taxa base mensal. X MEI, por outro lado, tem acesso a benefícios como auxílio-maternidade, auxílio-doença e aposentadoria.



“Enquanto o emprego tradicional era como o casamento”, escreve o jurista Frank Pasquale, “com ambas as partes comprometidas com algum projeto mútuo de longo prazo, a força de trabalho digitalizada busca uma série de relações”.<sup>10</sup> Mitos energicamente lançados sobre o conceito de emprego sugerem que trabalhar como empregadx significa que você deve desistir de toda a flexibilidade e que trabalhar como autônomx significa, de algum modo, que seu trabalho é flexível. Mas essa “flexibilidade inata” dxx freelancers de baixa renda deve ser questionada, pois xs tra-

10 Pasquale, Frank. Banana Republic.com. *Jotwell: Cyberlaw*, 14 jan. 2011. <http://cyber.jotwell.com/banana-republic-com>.

balhadorxs não existem em um vácuo, precisam se adaptar às agendas de chefes virtuais, também.

Usando a linguagem do empreendedorismo, flexibilidade, autonomia e escolha, o peso das escolhas mais arriscadas da vida – desemprego, doença e envelhecimento – foi colocado nos ombros dxs trabalhadorxs. Donxs de plataformas referem-se axs trabalhadorxs como *rabbits* (coelhos), *turkeys* (perus) ou *providers* (fornecedores). Imagino se Leah Busque, CEO da TaskRabbit, se sentiria insultada se eu a chamasse de “coelha”. Ela é a cabeça. O problema é que ela é dona de sua mente e da plataforma.

Quem estaria disposto a oferecer direitos empregatícios para freelancers, temporárixs e trabalhadorxs autônomxs? O senador Mark Warner, do estado da Virgínia,<sup>11</sup> e o economista de Princeton Alan Krueger, entre outros, sugeriram uma terceira categoria de trabalhadorx que não é nem x autônomx contratadx e nem x empregadx: x “trabalhadorx independente”.<sup>12</sup> Essa categoria de trabalhadorx receberia diversas proteções que acompanham o emprego formal.

Uma resposta diferente para a perda de poder de barganha do lado dxs trabalhadorxs na economia sob demanda vem do programador e escritor Steve Randy Waldman,

11 Deamicis, Carmel. U.S. Senator Mark Warner on Why We Need a New Class of Worker (Q&A). Re/code, 15 jul. 2015. <http://www.recodenet/2015/7/15/11614744/u-s-senator-mark-warner-on-why-we-need-a-new-class-of-worker-qa>.

12 Harris, Seth D.; Krueger, Alan B. A Proposal for Modernizing Labor Laws for Twenty-First Century: the “Independent Worker”. *The Hamilton Project*. Discussion Paper 2015-10, dez. 2015. [http://www.hamiltonproject.org/assets/files/modernizing\\_labor\\_laws\\_for\\_twenty\\_first\\_century\\_work\\_krueger\\_harris.pdf](http://www.hamiltonproject.org/assets/files/modernizing_labor_laws_for_twenty_first_century_work_krueger_harris.pdf).

que sugeriu que a classificação de trabalhadorx autônomx deveria ser contingente ao requerimento de que x trabalhadorx seja “ múlti-lar”, trabalhando por meio de diversas plataformas, evitando, assim, as armadilhas de uma plataforma dominante como a Uber. Waldman entende o caráter “ múlti-lar” como poder de barganha quando se trata de mitigar o poder dos monopólios.<sup>13</sup>

A economia do compartilhamento é reaganismo por outros meios. Dando um passo atrás, sustento que existe uma conexão entre os efeitos da “ economia do compartilhamento” e os choques deliberados de austeridade que seguiram a crise financeira em 2008. Xs bilionárixs da tecnologia surfaram na onda, subindo nas costas daquelixs que estavam procurando por trabalho desesperadamente, não somente aumentando a desigualdade, mas também reestruturando a economia de um modo que faz disso uma nova forma de trabalho, privada de todos os direitos trabalhistas, voltada à sobrevivência, como dizem, “ sustentável”.

A “ economia do compartilhamento” nasceu da linhagem de Reagan e Thatcher, que, na década de 1980, não somente desestabilizaram as paralisações de mineirxs e controladorxs de tráfego aéreo, mas também limaram a crença na habilidade dos sindicatos de cuidar dxs trabalhadorxs; enfraqueceram a crença na possibilidade da solidariedade e criaram uma moldura em que a reestruturação do trabalho, os cortes nas garantias de bem-estar e o descasamento da produtividade com a renda se tornaram mais plausíveis.

13 Waldman, Steve. 1909 as Antitrust. *Interfluidity*, 27 set. 2015. <http://www.interfluidity.com/v2/6165.html>.

As demandas por qualificações estão se tornando mais elevadas e a ansiedade, o medo do desemprego e a pobreza viraram temas centrais nas vidas de muitos jovens hoje. Tudo isso levou a um cenário no qual, para a geração do milênio, o fim do mundo parece mais plausível que o fim do capitalismo e suas trajetórias de carreiras parecem mais veículos autônomos em direção ao Armagedom.

É como *Sindicato dos ladrões*, de Elia Kazan, com anfetamina: trabalhadorxs digitais diárixs levantam cedo toda manhã para um leilão de seus próprios bicos. De acordo com a economista Juliet Schor, a economia do compartilhamento progressivamente provê acesso a trabalhos de baixa formação para uma classe média educada, que pode agora dirigir táxis e montar móveis nas casas das pessoas, enquanto simultaneamente substitui trabalhadorxs de baixa renda dessas ocupações.

Umx em cada três trabalhadorxs da força de trabalho dos Estados Unidos está agora como trabalhadorx autônôm, freelancer ou temporárix. O júri ainda decidirá se irão retornar a um mundo com pagamento regular, uma semana de trabalho de 40 horas e algumas proteções sociais.

Gerando lucros para poucos

O software que propaga a economia do compartilhamento está embrulhado em design de interface viciante. Na tela, o ícone do tamanho de uma formiga de um táxi se aproximando de sua localização é tão sedutor e perigoso como as sereias que tentaram Odisseu; é design para escala. Da perspectiva dos negócios, empreendedores e engenheiros de software criaram novos mercados. Mas seria isso inovação

ou há uma fábrica por trás do playground? A inovação deve resumir a lucros para poucos enquanto deixa, em seu despertar, uma força de trabalho que está sem proteções sociais suficientes? A inovação é gerada para extrair valor e crescer ou para circular esse valor entre as pessoas?

A eficiência, do mesmo modo, não é uma virtude quando ela é, quase sempre, construída a partir da extração de valor para investidores e proprietários. É nesse sentido de tomar o valor das pessoas que empresas de trabalho como Amazon, CrowdSpring e TaskRabbit não são nem efetivas nem inovadoras. O capitalismo de plataforma, até agora, não tem sido efetivo em atender às necessidades do bem comum. O que inicialmente parecia inovação rapidamente aumentou o volume da desigualdade de renda.

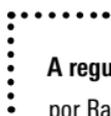
Com a criação de novas ocupações na “economia 1099”, empreendimentos como a Intuit Inc. começaram a florescer porque seu software ajuda freelancers a declarar seus impostos.

#### Ilegalidade como método

Nos Estados Unidos, a ilegalidade é um método da “economia do compartilhamento” e não um defeito, e o governo federal, pelo menos até o momento, não está interferindo, deixando o campo (e única esperança) com a municipalização da regulação. A economia do compartilhamento também tem sido criticada pelo “descumprimento das leis federais”,<sup>14</sup> pela falta de dignidade aos trabalhadoras e pela

14 Pasquale, Frank; Vaidhyanathan, Siva. Uber and the Lawlessness of Sharing Economy Corporates. *The Guardian*, 28 jul. 2015. <https://www>

eliminação dos direitos trabalhistas e dos valores democráticos de transparência e consentimento. Empresas na economia do compartilhamento falharam em pagar impostos, violando leis federais. Seu *modus operandi* segue um padrão. Primeiro, empresas como Uber violam várias leis – leis antidiscriminação, por exemplo – para então conquistar uma base crescente de consumidorxs, que demandam mudanças jurídicas. A Airbnb gastou mais de 8 milhões de dólares em lobby em São Francisco quando residentes votaram a favor de regular a operação da empresa. A Uber gasta mais dinheiro com lobistas do que a Walmart. De forma significativa, tanto Uber quanto Airbnb estão usando seus aplicativos como plataformas políticas que podem ser usadas para ativar clientes para opor qualquer esforço regulatório contra eles.



### **A regulação do Uber em São Paulo**

por Rafael Zanatta

Desde sua entrada no Brasil em 2014, a empresa Uber tem provocado diversas reações políticas e legislativas. Em São Paulo, vereadorxs se mobilizaram para proibir o aplicativo por meio de uma lei municipal. Em diversas ocasiões, taxistas e sindicatos organizaram grandes paralizações e protestos contra a empresa.

Em 2015, uma “batalha judicial” teve início. Decisões judiciais determinaram a suspensão do serviço Uber e foram, posteriormente, anuladas ou suspensas. Professorxs

[theguardian.com/technology/2015/jul/28/uber-lawlessness-sharing-economy-corporates-airbnb-google](http://theguardian.com/technology/2015/jul/28/uber-lawlessness-sharing-economy-corporates-airbnb-google).

e advogadxs foram contratadxs como pareceristas para defender posições favoráveis ou contrárias ao funcionamento do aplicativo da Uber de acordo com a legislação brasileira.

No final de 2015, a Prefeitura de São Paulo encontrou duas alternativas. Primeiro, criou uma categoria de “táxis pretos”, emitindo 5 mil novos alvarás para motoristas. Depois, a Prefeitura propôs a criação de uma nova categoria jurídica para “Operadoras de Tecnologia de Transporte Credenciadas” (OTTCS), fazendo com que xs motoristas comprem créditos pelo uso do viário urbano, “legalizando” a situação de empresas como Uber.

No modelo proposto pela Prefeitura de São Paulo, os aplicativos precisam ser credenciados e precisam informar trajeto, dados dxs motoristas, sistema de avaliação, e precisam emitir recibo eletrônico por corrida. O alvará é dispensado, sendo exigido CNH profissional e curso de formação. A Prefeitura cobrará uma taxa por quilômetro rodado e definirá um valor máximo por tarifa cobrada pelos aplicativos. A Prefeitura também liberou os serviços de “caronas solidárias”, onde usuárixs dividem custos de corrida.

Em 10 de maio de 2016, a Prefeitura aprovou o Decreto n. 56.981, que permitiu a operação de plataformas como Uber.<sup>15</sup> De acordo com o Decreto, as empresas precisam comprar “créditos de quilômetros” para “exploração intensiva da malha viária pelos serviços de transporte individual remunerado de utilidade pública”. O preço público

15 São Paulo (Município). Decreto municipal regulamenta transporte individual de passageiros, 10 maio 2016. <http://www.capital.sp.gov.br/portal/noticia/10873>.

será variável e considerará o impacto urbano, o impacto no meio ambiente, na fluidez do tráfego e o gasto público relacionado à infraestrutura urbana.



Quando você descobre que xs motoristas da Uber em Los Angeles estão recebendo menos que o salário mínimo; quando você sabe que xs trabalhadorxs da CrowdFlower e da Mechanical Turk ganham não mais que dois ou três dólares por hora; quando você entende que muito (senão a maioria) da receita da Airbnb na cidade de Nova York vem de pessoas que alugam seus apartamentos inteiros por menos de trinta dias;<sup>16</sup> quando você ouve que as *startups* estão navegando em torno da definição de “emprego” ao reestruturar o trabalho de uma forma que as pessoas que estão trabalhando para elas são categorizadas como trabalhadorxs autônomxs em vez de empregadx; quando você entende que o *status* de trabalhadorx autônomx evita proteções oferecidas axs trabalhadorxs pelo Fair Labor Standards Act; quando Uber, Lyft e Airbnb continuam a operar seus negócios em cidades que tentam fechar suas operações; aí então você irá entender por que o governo e as municipalidades tentaram agir contra esse “descumprimento das leis federais”.<sup>17</sup> Em 2015, um estudante de Princeton mostrou que motoristas da Uber em 20 cidades ganham em torno de us\$ 17,50 por hora, o que, de

16 Slee, Tom. *What's Yours is Mine: Against the Sharing Economy*. New York: OR Books, 2015.

17 Pasquale, Frank; Vaidhyanathan, Siva. Uber and the Lawlessness of Sharing Economy Corporates. *The Guardian*, 28 jul. 2015. <https://www.theguardian.com/technology/2015/jul/28/uber-lawlessness-sharing-economy-corporates-airbnb-google>.

acordo com xs motoristas, resulta em algo em torno de us\$ 10,00 a us\$ 13,00, descontando os custos de gasolina, seguro obrigatório, impostos do veículo e manutenção.<sup>18</sup> Los Angeles aprovou um salário mínimo de us\$ 15,00 por hora, o que torna a prática da Uber ilegal. Agora, qualquer umx com noções básicas do Fair Labor Standards Act de 1938 diria que tais pagamentos são ilegalmente baixos; eles não cumprem os padrões de salário mínimo.

Considerando as taxas de atrito significativamente altas entre trabalhadorxs da Mechanical Turk e motoristas da Uber (metade dxs motoristas da Uber não fica mais que um ano),<sup>19</sup> fica claro que esses negócios, em suas formas atuais, não são sustentáveis.

Nos Estados Unidos, desrespeitar os direitos dxs trabalhadorxs tem um risco jurídico muito baixo para donxs de empresas. O Departamento do Trabalho dos EUA, com sua falta de funcionárixs, é basicamente incapaz de verificar quais empresas estão violando as leis trabalhistas federais. E mesmo nos casos pouco prováveis de identificação de violações, tudo o que as empresas devem fazer é pagar aos trabalhadores o que devem.

18 Harris, Seth D.; Krueger, Alan B. A Proposal for Modernizing Labor Laws for Twenty-First Century: the “Independent Worker”. *The Hamilton Project*. Discussion Paper 2015-10, dez. 2015, [http://www.hamiltonproject.org/assets/files/modernizing\\_labor\\_laws\\_for\\_twenty\\_first\\_century\\_work\\_krueger\\_harris.pdf](http://www.hamiltonproject.org/assets/files/modernizing_labor_laws_for_twenty_first_century_work_krueger_harris.pdf).

19 Em 2015, mais de metade de todxs xs motoristas da Uber não ficaram mais que doze meses na empresa. Para entender mais, ler Hill, Steven. *Raw Deal: How the “Uber Economy” and Runaway Capitalism are Screwing American Workers*. St. Martin’s, 2015.

Há alguma esperança. Em uma decisão recente, uma juíza federal decidiu que uma motorista da Uber era empregada e não trabalhadora autônoma, por exemplo.<sup>20</sup> E mesmo trabalhadorxs da Lyft e da Yelp estão ajuizando ações para que seja reconhecido o vínculo empregatício.<sup>21</sup> No outono de 2015 nos EUA, a cidade de Seattle permitiu a sindicalização de motoristas da Uber. E, ao mesmo tempo, uma coalizão de *startups* e trabalhadorxs organizadxs publica um documento com orientações para proteções sociais necessárias para que a economia digital seja exitosa.<sup>22</sup> Se o governo federal nos EUA tem a vontade política de introduzir novas proteções trabalhistas, isso é algo que ainda veremos.

No nível local e estadual, alguns esforços regulatórios estão sendo realizados. Em Montgomery County, por exemplo, a “Assembleia Geral de Maryland” decidiu regular Uber e Lyft ao impor uma taxa de US\$ 0,25 por corrida feita pelas empresas. Essa receita será então utilizada para oferecer serviços de táxi mais acessíveis para cidadãxs idosxs e re-

20 Isaac, Mike; Singer, Natasha. California Says Uber Driver is Employee, Not a Contractor. *The New York Times*, 17 jun. 2015. <http://www.nytimes.com/2015/06/18/business/uber-contests-california-labor-ruling-that-says-drivers-should-be-employees.html>.

21 Cushing, Tim. Judge Not At All Impressed By Class Action Lawsuit Claiming Yelp Reviewers Are Really Employers. 17 ago. 2015. <https://www.techdirt.com/articles/20150815/16091931969/judge-not-all-impressed-class-action-lawsuit-claiming-yelp-reviewers-are-really-employees.shtml>.

22 Coalition of Start-Ups and Labor Call for Rethinking of Worker Policies. *The New York Times Blog*, 09 nov. 2015. <http://bits.blogs.nytimes.com/2015/11/09/coalition-of-start-ups-and-labor-call-for-rethinking-of-worker-policies>.

sidentes de bairros mais pobres.<sup>23</sup> O prefeito Bill de Blasio está trabalhando para controlar o tamanho da frota da Uber nas ruas de Nova York.

#### Amazon se junta à economia do compartilhamento

A Amazon é uma das empresas mais velhas dessa economia digital; está se unindo à “economia do compartilhamento”. A seção de livros da Amazon começou em 1994, mas hoje, Amazon, tal como Uber, tornou-se um suporte para inúmeros outros negócios. O gênio cruel saiu da garrafa e a lógica de negócios de sistemas de *crowdsourcing*, como Mechanical Turk, está agora sendo adaptada por empresas como CrowdFlower, 99Designs e centenas de outras. A Amazon se inseriu na economia do compartilhamento por meio de empresas como Flex, um serviço de entregas baseado na multidão que usa pessoas comuns, e não entregadores treinados, para entregar caixas e pacotes.<sup>24</sup> Ela também lançou o HomeServices, que coloca a empresa exatamente no meio quando você precisa de umx eletricista ou de umx encanadorx, e o site HandMade-at-Amazon, que concorre diretamente com o Etsy.<sup>25</sup>

23 Di Caro, Martin. Taxi Regulations, E-Hail App Targeted By Montgomery County Council. *WAMU* 88,5, 08 jun. 2015. [http://wamu.org/news/15/06/08/taxi\\_regulations\\_e\\_hail\\_app\\_targeted\\_by\\_montgomery\\_county\\_council\\_today](http://wamu.org/news/15/06/08/taxi_regulations_e_hail_app_targeted_by_montgomery_county_council_today).

24 Amazon flex. <https://flex.amazon.com>.

25 N.T.: O Etsy é uma empresa criada em 2005 nos EUA que permite que artesãxs vendam produtos feitos à mão para um grande público na Internet. O Etsy lucra com a intermediação da compra e venda oferecendo a “plataforma” onde x compradorx encontra artesanatos. A mesma lógica ocorre com xs intermediadorxs de produtos artesanais



Uber seriam imediatamente encerradas. Testemunhamos autoridades em Paris que indiciaram dois executivos da Uber<sup>27</sup> e cidades como Rio de Janeiro que baniram a empresa e reforçam tais decisões.<sup>28, 29</sup> Nos EUA, quase nada é feito contra essas empresas que estão desprezando leis federais e regulações municipais.

O roubo de salário, por exemplo, é uma ocorrência diária na Mechanical Turk, da Amazon, que explicitamente tolera essa prática. Consignadorxs podem rejeitar trabalhos perfeitamente executados e então evitar o pagamento. O propósito da plataforma, seu sistema lógico, é expressado por meio de sua arquitetura e seu design, bem como pelo seu termo de uso. O roubo de salário é uma característica, não uma falha.

A Amazon é, de fato, um bom exemplo – ela é parte de uma monocultura de grandes empresas de maximização de lucro, de capital aberto, que têm a missão de criar retorno para xs investidorxs. É a missão fiduciária dessas empresas criar cada vez mais valor para acionistas, crescer e servir axs proprietárixs da plataforma.

A “uber-conveniência”, velocidade, preço e predominância da Amazon torna difícil não enxergarmos o fato de que na sombra da conveniência perduram custos sociais muito altos

27 Schechner, Sam. Two Uber Executives Indicted in France. *Wall Street Journal*, 30 jun. 2015. <http://www.wsj.com/articles/uber-executives-ordered-to-stand-trial-by-french-prosecutors-1435667386>.

28 Rio de Janeiro Becomes the First City in Brazil to Ban Uber. *The Guardian*. 30 set. 2015. <https://www.theguardian.com/world/2015/sep/30/rio-de-janeiro-brazil-uber-ban>.

29 N.T.: Entretanto, em abril de 2016, judicialmente foi garantido o direito a motoristas da Uber de exercerem a atividade de transporte remunerado individual de passageirxs, até que venha a ser regulamentada pelo Poder Público.

para xs trabalhadorxs. Em um dos galpões da Amazon na Alemanha, por exemplo, a empresa monitorou xs trabalhadorxs de logística e xs reprimiu por curtos períodos de inatividade, com os seus “relatórios de inatividade”. Tecnologias de vigilância e supervisorxs monitoram até mesmo conversas de dois minutos entre trabalhadorxs e idas ao banheiro.<sup>30</sup> Após dois desvios, pausas de um a nove minutos, trabalhadorxs podem ser demitidxs. E é claro que isso não está acontecendo somente nos centros de logística da Amazon na Alemanha. É a lógica taylorista levada ao extremo que não faz nenhum sentido para os negócios. É uma absoluta densificação do trabalho, como diz a professora Ursula Huws.<sup>31</sup> Adicionalmente, a Suprema Corte dos EUA julgou um caso declarando que a revista de segurança obrigatória de trabalhadorxs não pode ser compensada como hora extra apesar do fato de xs trabalhadorxs esperarem em fila por trinta a quarenta minutos todos os dias. A legislação favorece abertamente as empresas.

Mas a miséria não se limita a trabalhadorxs de galpões e trabalhadorxs da multidão, ela afeta igualmente trabalhadorxs de colarinho branco da Amazon. Podemos jogar mais luz no espírito de Jeff Bezos, CEO da Amazon, que disse a um grupo de editorxs de forma bruta que “a Amazon deve abordar as editoras do mesmo modo que um guepardo per-

30 Knight, Ben. Amazon’s inactivity protocols under fire. *Deutsche Welle*, 13 mar. 2015. <http://www.dw.com/en/amazons-inactivity-protocols-under-fire/a-18315388>.

31 Huws, Ursula. *Labor in the Global Digital Economy: the cybertariat comes of age*. New York: Monthly Review, 2014.

segue uma gazela”.<sup>32,33</sup> É nesse espírito que a empresa também trata trabalhadorxs de colarinho branco, contadorxs, marqueteirxs e engenheirxs. Isso foi revelado por meio da matéria “Por dentro da Amazon”, do *New York Times*, que mostrou um executivo da divisão de marketing de livros da Amazon dizendo que “quase toda pessoa com quem trabalhei em conjunto, eu vi chorar em sua mesa”.<sup>34</sup>

A Amazon tornou-se conhecida por suas condições injustas de trabalho, mas ela não é, de nenhum modo, uma exceção dentro e além da economia do compartilhamento. Ninguém está cuidando dxs trabalhadorxs, mas a cada trabalhadorx que é maltratadx, há também mais pessoas que estão buscando uma Internet centrada nas pessoas.

O crescimento dos setores de trabalho autônomo e trabalho temporário estava em andamento há décadas, mas, com a “economia do compartilhamento”, ele ganhou um impulso significativo em 2008, quando várias pessoas tiveram que procurar fontes alternativas de renda.

E é por essa razão que pergunto, na segunda parte do estudo, se temos que continuar dependendo de infraestruturas digitais que são desenhadas para extrair lucros para um número muito pequeno de proprietárixs de plataformas e

32 N.R. O relacionamento da companhia com essas editoras foi denominado *Gazelle Project* (Projeto Gazela) depois de Jeff Bezos dizer tal frase.

33 Streitfeld, David. A New Book Portrays Amazon as Bully. *The New York Times Blog*, 22 out. 2013. <http://bits.blogs.nytimes.com/2013/10/22/a-new-book-portrays-amazon-as-bully>.

34 Kantor, Jodi; Streitfeld, David. Inside Amazon: Wrestling Big Ideas in a Bruising Workplace. *The New York Times*, 15 ago. 2015. <http://www.nytimes.com/2015/08/16/technology/inside-amazon-wrestling-big-ideas-in-a-bruising-workplace.html>.

acionistas. Quero dizer, será que é realmente inconcebível escapar de empresas como Uber, Facebook e CrowdFlower?

Uma Internet das pessoas é possível! Uma coalizão de designers, trabalhadorxs, artistas, cooperativas, desenvolvedorxs, sindicatos inovadores, advogadx publicxs pode mudar as estruturas para que todxs possam colher os frutos do próprio trabalho.

O Vale do Silício adora uma disrupção, então vamos oferecer uma. O que segue é um chamado para colocar o povo no centro dos corredores virtuais de contratação e direcionar os lucros em benefícios sociais. É um chamado para que prefeituras considerem iniciar por conta própria negócios como o Airbnb. Historicamente, as cidades americanas costumavam ser donas e operar hotéis e hospitais, e algumas ainda fazem isso. É hora de revisitar essa história.

Em meados da década de 1960 em Nova York, o artista Goerge Maciunas, criador do movimento Fluxus, começou a formar cooperativas de artistas motivadas pela sua própria situação precária. Na Nova York de hoje, artistas como Caroline Woolard usam a lógica da arte para transformar suas próprias situações de vida e a de outrxs.<sup>35</sup>

É possível escapar de Facebook, CrowdFlower e Google. Imperativos empresariais como crescimento e maximização de lucro não são as únicas opções. É muito difícil consertar aquilo que você não tem. A luta por privacidade e as batalhas por salários maiores dxs trabalhadorxs da multidão são importantes, mas os modelos cooperativos de propriedade da Internet poderiam responder a muitas dessas questões.

35 Woolard, Caroline. <http://www.carolinewoolard.com>.



# **A ASCENSÃO DO COOPERATIVISMO DE PLATAFORMA**



Precisamos construir uma economia e uma Internet que funcionem para todos. Como podemos aprender lições da longa e emocionante história das cooperativas e trazê-las para a era digital?<sup>1</sup>

Como podemos começar? 51% dxs americanxs ganham menos que US\$ 30 mil<sup>2</sup> por ano e 76% não possuem qualquer poupança.<sup>3</sup> De 2000 a 2010, a receita média nos Estados Unidos declinou 7% quando ajustada pela inflação.<sup>4</sup> Em termos de bem-estar social e sustentabilidade ambiental, para mais e mais pessoas, o capitalismo não está funcionando. Então, vamos pensar sobre como a Internet pode ser distribuída e governada de modo diferente e como a solidariedade pode ser fortalecida nesse processo. Meu colaborador Nathan Schneider perguntou: “o Silicon Alley pode fazer as coisas mais democraticamente que o Silicon Valley?”<sup>5</sup>

- 1 Duda, John. Platform Cooperativism: The Internet, Ownership, Democracy, 13-14 nov. 2015. <https://vimeo.com/149401422>.
- 2 Snyder, Michael. Goodbye Middle Class: 51 percents of all American workers make less than 30,000 dollars a year. *Washington's Blog*, 20 out. 2015. <http://endoftheamericandream.com/archives/goodbye-middle-class-51-percent-of-all-american-workers-make-less-than-30000-dollars-a-year>.
- 3 Johnson, Angela. 76% of Americans Are Living Paycheck-to-Paycheck. *CNN Money*, 24 jun. 2013. <http://money.cnn.com/2013/06/24/pf/emergency-savings>.
- 4 Nadeau, E. G. *The Cooperative Solution: how the United States can tame recessions, reduce inequality, and protect the environment*. CreateSpace Independent, 2012.
- 5 Silicon Alley refere-se a uma região com alta concentração de empresas de tecnologia em Manhattan, Nova York.

Se você está pensando em empregos seguros, salários mínimos, seguro de saúde, fundos de pensão – nenhum desses assuntos pode ser resolvido fundamentalmente sem uma reorganização do trabalho, sem reforma estrutural. Nenhum desses assuntos pode ser enfrentado efetivamente se não revigorarmos a solidariedade, mudarmos a propriedade e introduzirmos a governança democrática.

Empresas da “velha guarda” geralmente dão a trabalhadorxs o mínimo que elas precisam dar. A desconfiança com a boa vontade de proprietárixs e acionistas de cuidar dxs trabalhadorxs, a desconfiança no velho modelo extrativo, a economia da vigilância, o monopólio e a proliferação do ambiente de trabalho sem fronteiras levaram muitas pessoas a reviver o espírito do cooperativismo. Quais são as perspectivas de longo prazo para cooperativas de plataforma? Não seriam as cooperativas um modelo organizacional ultrapassado para o trabalho? Qualquer umx que está fazendo essa afirmação deve primeiro considerar que, globalmente, a economia solidária está crescendo: cooperativas empregam mais pessoas do que todas as multinacionais juntas.<sup>6</sup> O candidato à presidência dos EUA, o senador Bernie Sanders, de Vermont, está promovendo a propriedade coletiva de trabalhadorxs (*worker-ownership*) como uma forma prática de progresso.<sup>7</sup> Nos EUA, 900 mil pessoas são empregadas por cooperativas.<sup>8</sup>

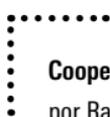
6 As estatísticas desse parágrafo foram tiradas de Kelly, Marjorie. *Owning Our Future: the emerging ownership revolution*. Berrett-Koehler, 2012.

7 Johnson, Dave. Bernie Sanders Proposes to Boost Worker-Owneership of Companies. *Common Dreams*, 18 ago. 2015, <http://www.commondreams.org/views/2015/08/18/bernie-sanders-proposes-boost-worker-ownership-companies>.

8 Nadeau, E. G. *The Cooperative Solution: how the United States can tame*

No seu livro *Collective Courage*, Jessica Gordon Nembhard descreve a experiência negra das cooperativas nos EUA como uma experiência de ativismo, enraizada na experiência da luta pelos direitos humanos. A união de cooperativas de consumo no Japão atende a 31% das unidades familiares no país, e a Mondragon, a maior corporação industrial da Espanha, é uma rede de cooperativas que, em 2013, empregava 74.061 pessoas. Emilia-Romagna, uma área na Itália que incentiva participação dxs empregadxs na propriedade, cooperativas de consumo e cooperativas agrícolas, tem taxas de desemprego menores do que outras regiões na Itália.

Cerca de 40% da agricultura no Brasil e 36% do mercado de varejo da Dinamarca são formados por cooperativas, de acordo com Kelly. Já 45% do Produto Interno Bruto do Quênia e 22% do Produto Interno Bruto da Nova Zelândia vêm das cooperativas. Apesar de muitos retrocessos, seria difícil argumentar que o modelo de cooperativas está acabado.



### **Cooperativismo no Brasil**

por Rafael Zanatta

A história do cooperativismo no Brasil está ligada ao início da República e aos movimentos migratórios da Europa para substituição do trabalho escravo, em razão do processo de urbanização e mudanças das matrizes produtivas no país.

Em 1890, por meio do Decreto n. 796, foi criada a cooperativa de consumo “Cooperativa Militar do Brasil”, com objetivo de compra e venda de bens a militares. A

recessions, reduce inequality, and protect the environment. CreateSpace Independent, 2012, p. 37.

cooperativa foi montada com divisão de quotas a sócios acionistas, estrutura de deliberação e divisão dos lucros (acionistas, compradorxs, empregadxs e fundo de reserva).<sup>9</sup> Em 1901, por meio do Decreto n. 4.287, foi criada a “Cooperativa Operária Carioca”, fechada a empregadxs da Fábrica de Fiação e Tecidos Carioca. O objetivo da cooperativa era garantir alimentos e restaurante pelos menores preços possíveis. Aos moldes das cooperativas inglesas, havia uma loja da cooperativa para venda de mercadorias ao público.<sup>10</sup>

Em 1903, no governo Rodrigues Alves, os sindicatos rurais e industriais foram autorizados a criar “cooperativas de produção e de consumo”. Após a Revolução de 1930, “consórcios profissionais cooperativos” poderiam se constituir livremente, bastando registro na Diretoria da Organização e Defesa da Produção, do Ministério da Agricultura.<sup>11</sup> Durante esse período, surgiram inúmeras cooperativas agrícolas e cooperativas de trabalhadorxs imigrantes, especialmente alemãxs, italianxs e japonesxs. Em 1936, por exemplo, o Congresso dos Lavradores de Origem Alemã decidiu pela “instalação de uma cooperativa central em Curitiba em estreita conexão com a União Rural Paranaense”, o que

9 Brasil. Decreto n. 796, de 2 de outubro de 1890. <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-796-2-outubro-1890-504016-publicacaooriginal-1-pe.html>.

10 Brasil. Decreto n. 4.287, de 23 de dezembro de 1901. <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-4287-23-dezembro-1901-503913-publicacaooriginal-1-pe.html>.

11 Brasil. Decreto n. 23.611, de 20 de dezembro de 1933, art. 16. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/Antigos/D23611.htm#art16](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D23611.htm#art16).

evidencia a expansão do cooperativismo na área rural.<sup>12</sup> Já no governo Vargas, surgiu em São Paulo o Departamento de Apoio ao Cooperativismo, responsável por políticas de fomento ao cooperativismo.

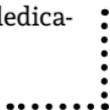
Entre as décadas de 1930 e 1970, o cooperativismo tornou-se mais próximo do Estado, com o apoio dos governos por meio de legislações específicas e incentivos fiscais. Em 1970, durante o regime militar, surgiu a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), em substituição à União Nacional das Cooperativas (Unasco) e à Associação Brasileira das Cooperativas (ABCOOP).<sup>13</sup> A partir de 1971, o governo federal e os governos estaduais diminuíram os incentivos às cooperativas, reformaram as instituições varguistas de apoio à “doutrina cooperativa” e estimularam uma visão empresarial aplicada ao cooperativismo.

A mudança da visão de cooperativismo, da empresarial à economia solidária, ocorreu com o governo Lula (2002-2010) e a criação da Secretaria Nacional da Economia Solidária dentro do Ministério do Trabalho do Emprego, responsável por fomentar formas solidárias e democráticas de organização do trabalho.

Atualmente, o setor agropecuário e o setor de crédito são os grandes setores do cooperativismo brasileiro. Segundo dados da OCB, as cooperativas movimentaram R\$ 5,3 bilhões em 2015, exportando para 148 países. O Brasil

- 12 Congresso de Lavradores Paranaenses de Origem Alemã. *A República*, Curitiba, 8 jan. 1930. <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=215554&pesq=cooperativa&pasta=ano%20193>.
- 13 Organização das Cooperativas Brasileiras. OCB: 44 anos desenvolvendo o cooperativismo brasileiro. [http://www.ocb.org.br/site/agencia\\_noticias/noticias\\_detalhes.asp?codnoticia=17140](http://www.ocb.org.br/site/agencia_noticias/noticias_detalhes.asp?codnoticia=17140).

possui mais de 6,5 mil cooperativas, reunindo 13 milhões de cooperadxs. No entanto, há raras cooperativas dedicadas ao setor de tecnologia e serviços online.<sup>14</sup>



No Reino Unido, por exemplo, existem atualmente 200 mil pessoas trabalhando em mais de 400 cooperativas de trabalho. Em Berlim, cidadãxs estão formando cooperativas de bens essenciais para comprar e operar o sistema de energia da cidade.<sup>15</sup> Na cidade alemã de Schönau, outra cooperativa de consumo coordena e opera tanto o sistema de energia quanto o fornecimento de gás da cidade.

Para 2016, a vereadora da cidade de Nova York Maria del Carmen Arroyo aprovou um repasse de 2,1 milhões de dólares para o projeto Worker Cooperative Business Development Initiative.<sup>16</sup> Em 2015, as mulheres quase que exclusivamente operavam a coalizão de 24 cooperativas de trabalho em Nova York. Trabalhadorxs mal remuneradxs que ingressaram nessas cooperativas viram seu pagamento por hora crescer de us\$ 10,00 para us\$ 25,00 nos últimos dois anos.

Sem dúvidas, os desafios para as cooperativas são vastos. Pense na Walmart, que, depois do Departamento de Defesa dos EUA e do Exército de Libertação Nacional da China, é a terceira maior organização do mundo.<sup>17</sup> Para

14 Zanatta, Rafael A. F. E se a internet deixar de ser capitalista? *Outras Palavras*. 02 abr. 2016. <http://outraspalavras.net/posts/e-se-a-internet-deixar-de-ser-capitalista>.

15 Das-ziel. Bürger-Energie Berlin. <http://www.buerger-energie-berlin.de/das-ziel>.

16 The Federation of Protestant Welfare Agencies. <http://fpwa.org>.

17 Cf. Daniel Schlademan, da OurWalmart: Schlademan, Daniel. *Platform*

cooperativas, competir com tais gigantes não é nenhum passeio no parque. Mas, mesmo assim, nessa batalha para a imaginação do futuro do trabalho, quem devem ser xs agentes de mudança? Seria x donx da plataforma, x CEO e x capitalista de risco, ou deveríamos nos concentrar nos coletivos de trabalhadorxs ao lado de movimentos pela ampliação da cidadania? A resposta poderia ser: todxs xs mencionadxs acima.

Mas, para mim, o problema começa quando a mudança é vista somente nos quadros e salas do Vale do Silício. Tim O'Reilly organizou a conferência "Next:Economy" em novembro de 2015, que foi amplamente dominada por líderes empresariais do Vale do Silício.<sup>18</sup> E, se a seleção de palestrantes – com exceção de umx ou outrx advogadx trabalhista, formada por líderes empresariais – não deixou claro quem eram xs agentes de mudança identificadxs, a taxa de inscrição da conferência, de 3,5 mil dólares clarificou a questão de uma vez por todas.

O ex-secretário de Trabalho Robert Reich afirmou que, para garantir um "capitalismo seguro", trabalhadorxs deveriam ter proteções sociais mínimas; caso contrário, haveria rebelião. Robin Chase, cofundadora do ZipCar, ecoou o sentimento de Reich. E, de modo mais seguro, se você quer manter a paz social, você precisa dar algo axs trabalhadorxs. Você pode apelar ao melhor dxs líderes empresariais, como talvez Tim O'Reilly faz; você pode ter esperança em sua boa vontade, mas a ques-

*Cooperativism: The Internet, Ownership, Democracy.* 13 nov. 2015. <http://platformcoop.net/participants/daniel-schlademan>.

18 O'Reilly conference. Speakers. <http://conferences.oreilly.com/next-con/economy-us-2015/public/content/speakers>.

tão que permanece é se essas exigências podem mudar a missão central dessas empresas. É verdade que trabalhadorxs precisam de proteções sólidas e alguém que realmente se importe com seu bem-estar a longo prazo. Ser “realista” também significa avaliar realisticamente se xs proprietárixs de plataformas irão além de dar pequenas concessões axs trabalhadorxs. Ser realista significa reconhecer os sucessos e falhas históricos da “economia solidária”.

Não se pode combater desigualdade econômica com benevolência axs proprietárixs; juntos, nós devemos redesenhar a infraestrutura com democracia em seu núcleo duro.

Como parte desse redesenho, também vale reexaminar a história de como foram construídas as estruturas do cooperativismo e do mutualismo nos Estados Unidos. Aqui, “comunalismo espiritual” e movimentos cooperativos têm um papel central. Xs Mennonitas alemãxs, incluindo xs Amish, começaram a ir para os EUA há tempos, em 1684. Na primavera de 1825, Robert Owen abriu as portas da comunidade New Harmony, em Indiana. Em 1930, a Nação Islâmica e o Movimento dxs Trabalhadorxs Católicxs iniciaram centenas de projetos comunais. O ensinamento católico social da distribuição é influente nesse contexto. Ele sugere que comunidades poderiam ter a propriedade conjunta de bens e ferramentas. Três décadas depois, o centro de yoga hindu Kripalu Ashram e o centro budista Karmê-Chöling foram fundados. Comunidades espirituais e cooperativas provaram ter resistência maior que negócios cooperativos seculares.

Desde a primeira cooperativa moderna em Rochdale, na Escócia, em 1844, houve muito tempo para falar sobre trabalhadorxs cooperativxs, dizem xs críticxs, e em suas mentes as evidências mostram que o modelo não está fun-

cionando. Parcialmente, estão certxs: a maioria das cooperativas de propriedade dxs trabalhadorxs não foi bem-sucedida nos Estados Unidos. Mas também vale a pena ter em mente, como John Curl observa, que:

A própria existência de cooperativas desafia corporações e o capitalismo; corporações sempre trabalharam para enfraquecer, descreditar e destruir cooperativas por meio de guerras de preços, aprovando legislações que minam sua viabilidade, rotulando-as na mídia como subversivas e como uma falha, e usando muitos outros estratagemas.<sup>19</sup>

Rosa Luxemburgo também era cautelosa quando se tratava de pensar as cooperativas como alternativas integrais ao capitalismo.

Trabalhadorxs que formam cooperativas no campo da produção enfrentam, então, uma necessidade contraditória de se governar com o mais elevado absolutismo. Elxs são obrigadxs a tomar, para si próprixs, o papel de empreendedorx capitalista – uma contradição que conta para o fracasso habitual das cooperativas de produção, que ou se tornam empreendimentos capitalistas puros ou, se os interesses dxs trabalhadorxs continuam predominando, terminam se dissolvendo.<sup>20</sup>

19 VER.DI. Innovation und Gute Arbeit. *Digitale Arbeit*. <https://innovation-gute-arbeit.verdi.de/themen/digitale-arbeit>.

20 Citado por Gasper, Phil. Are Workers' Cooperatives the Alternative to Capitalism? *International Socialist Review*, n. 93, 1-4 jul. 2014. <http://isreview.org/issue/93/are-workers-cooperatives-alternative-capitalism>.

Todos os métodos são utilizados para permitir que um empreendimento aja contra seus competidores no mercado, escreveu Luxemburgo.<sup>21</sup>

Há, entretanto, o inegável e importante efeito que as cooperativas produzem nxs trabalhadorxs nesse sistema. Cooperativas existentes mostraram que possuem empregos mais estáveis e proteções sociais mais confiáveis que modelos extrativos tradicionais. Não seria de nenhuma ajuda enxergar as cooperativas como alternativas cor de rosa; elas funcionam dentro do contexto capitalista onde são forçadas a competir. Redes de cooperativas como Mondragon não podem se dissociar da cadeia de fornecimento exploratória que dá combustível ao capitalismo.

Uma objeção comum às cooperativas é que elas são tão suscetíveis às pressões do mercado quanto qualquer empreendimento capitalista, o que torna a autoexploração inevitável. Eventualmente, cooperativas também podem resultar em artimanhas de estágios não pagos e trabalho voluntário não compensado. Cooperativas estão expostas à competição sem dó do mercado, mas, à luz do lucro de 20% a 30% que empresas como Uber estão ganhando, uma abordagem seria as cooperativas de plataforma oferecerem seus serviços por preços mais baixos. Elas poderiam ter 10% de lucro, o que depois seria parcialmente traduzido como benefícios sociais para xs trabalhadorxs. Cooperativas também poderiam florescer em mercados de nicho, focalizando clientes de baixa renda como público-alvo.

As cooperativas têm sido um importante instrumento para a construção de poder econômico para grupos margi-

21 Ibidem.

nalizados. Karla Morales, da cooperativa de cuidado infantil Beyond Care, descreve os simples benefícios: “Em meu trabalho agora tenho licença médica, férias e direitos trabalhistas”.<sup>22</sup> Os estados do sul dos EUA, por exemplo, têm uma longa história de cooperativas agrícolas que construíram autodeterminação econômica e social para comunidades afro-americanas. Algumas vezes, no entanto, cooperativas reforçaram hierarquias de raça e gênero, reproduzindo, em vez de desafiar, práticas da sociedade mais ampla. Juliet Schor diz que:

Se você está interessadx em justiça social, então você deve saber que em espaços não voltados ao lucro há um alto nível de exclusão racial, de classe e de gênero. As pessoas agem para reforçar sua própria posição de classe ou sua própria posição racial. Esses espaços geralmente são mais problemáticos, de uma perspectiva de raça, classe e gênero, que os espaços voltados ao lucro. Então, se você quiser construir uma plataforma que atraia pessoas de todas as classes, raças e gêneros, você precisa começar com um grupo de pessoas que você quer atrair para a plataforma.<sup>23</sup>

Céticos indicam o fato de que cooperativas de crédito não transformaram a economia como um todo e que cooperativas de trabalhadoras não se tornaram a linha de frente do socialismo, tal como prometeram ser. Mas então existe

22 Morales, Karla. Platform Cooperativism: The Internet, Ownership, Democracy, 13-14 nov. 2015. <https://vimeo.com/149516216>.

23 Schor, Juliet. Platform Cooperativism: The Internet, Ownership, Democracy, 13-14 nov. 2015. <https://vimeo.com/149540417>.

o benefício incontestável a longo prazo para xs trabalhadorxs nesses empreendimentos; e isso não conta para nada? Aqui, trabalhadorxs controlam seu próprio trabalho de um modo que contribui para seu próprio benefício. Cooperativas, não importa o quão pequenas, podem funcionar como contrapartes éticas, autogeridas, que garantem um modelo de negócios que não precisa se apoiar na exploração dxs trabalhadorxs. Cooperativas podem trazer criatividade não apenas ao consumo dos produtos, mas também à reorganização do trabalho.

Recentemente, tem havido muitas referências a Hannah Arendt, que observou que um vira-lata tem mais chance de sobreviver quando recebe um nome. Então, deem boas-vindas ao cooperativismo de plataforma.

Juntxs, vamos envelhecer,  
vamos manter  
cada umx de nós bem perto e vamos nos manter juntxs.  
Vamos nos manter juntxs  
na medida em que o país muda;  
Vamos nos manter juntxs  
na medida em que o mundo muda.<sup>24</sup>

O conceito de cooperativismo de plataforma tem três partes.

Primeiro, ele baseia-se na clonagem do coração tecnológico de Uber, TaskRabbit, Airbnb ou UpWork. Ele recepiona a tecnologia, mas quer colocar o trabalho em um modelo

24 Autor anônimo, apud CURL, John; REED, Ishmael. *For All the People: uncovering the Hidden History of Cooperation, Cooperative Movements, and Communalism in America*. Oakland, CA: PM Press, 2012, p. 378.

proprietário distinto, aderindo a valores democráticos, para desestabilizar o sistema quebrado da economia do compartilhamento/economia sob demanda, que beneficia somente poucos. É nesse sentido que o cooperativismo de plataforma envolve mudança estrutural, uma mudança de propriedade.

Segundo, o cooperativismo de plataforma trata de solidariedade, que faz muita falta nessa economia baseada em força de trabalho distribuída e muitas vezes anônima. Plataformas podem ser possuídas e operadas por sindicatos inovadores, cidades e várias outras formas de cooperativas, tudo desde cooperativas multissetoriais (*multi-stakeholder co-op*), cooperativas de propriedade dos trabalhadoras (*worker-owned co-op*) ou plataformas cooperativas de propriedade dos “produtoras” (*producer-owned platform cooperatives*).

Terceiro, o cooperativismo de plataforma é construído na ressignificação de conceitos como inovação e eficiência, tendo em vista o benefício de todos, e não a sucção de lucros para poucos. Proponho dez princípios para o cooperativismo de plataforma que são sensíveis aos problemas críticos que a economia digital enfrenta hoje. O capitalismo de plataforma é incrivelmente não efetivo em cuidar das pessoas.

O conceito de cooperativismo de plataforma, ou ao menos parte dele, choca-se na parede. As pessoas entendem a parte do cooperativismo, mas a parte da “plataforma” permanece misteriosa. Como você chama os locais onde você passa o seu tempo e gera valor depois que você liga seu celular? Uma plataforma, no contexto deste estudo, é o termo usado para descrever o ambiente no qual intermediários extrativistas ou cooperativistas oferecem seus serviços ou conteúdos.

De início, ao explicar o conceito de cooperativismo de plataforma, preciso esclarecer que isso não é uma aurora

boreal tecnológica; o cooperativismo de plataforma não trata da paixão ocidental pelos avanços na tecnologia; ele é uma mentalidade. Evgeny Morozov e Siva Vaidhyanathan estão absolutamente corretos em suas narrativas contra o “solucionismo tecnológico” e o “centrismo na Internet”.<sup>25</sup>

O cooperativismo de plataforma é um termo que descreve mudanças tecnológicas, culturais, políticas e sociais. O cooperativismo de plataforma é um horizonte da esperança. Não é uma utopia concreta; é uma economia emergente. Alguns modelos que irei descrever agora já existem há dois ou três anos, enquanto outros ainda são aplicativos imaginários. Alguns são protótipos, outros são experimentos; e todos introduzem um conjunto alternativo de valores.

25 N.R. Para referências, ver Morozov, Evgeny. *To Save Everything, Click Here: The Folly of Technological Solutionism*. PublicAffairs, 2014 e Vaidhyanathan, Siva. *The Googlization of Everything: And Why We Should Worry*. University of California, 2011.



**RUMO A UMA  
TIPOLOGIA  
DAS PLATAFORMAS  
COOPERATIVAS**



Exemplos iniciais de plataformas cooperativas já existem, mas elas estão somente emergindo. Nomeá-las aqui inevitavelmente exclui outros projetos importantes. Deixar de introduzir exemplos concretos nos deixaria suscetíveis a críticas de que o cooperativismo de plataforma não é nada além de uma ideia abstrata.

### Intermediação de trabalho online de propriedade cooperativa

Muito provavelmente, você está familiarizado com o modelo de intermediação de trabalho online. Pense em empresas como TaskRabbit, onde você pode agendar que alguém monte seus móveis da IKEA em apenas vinte minutos. O aplicativo no seu aparelho celular serve como intermediário entre você e o trabalhador. A cada transação, a TaskRabbit recebe de 20% a 30% do valor transacionado.

A advogada da “economia do compartilhamento” Janelle Orsi nota um aumento decisivo no interesse em cooperativas. Ela afirma que dezenas de *startups* de tecnologia e negócios tradicionais, como floristas e paisagistas, buscaram o seu centro, Sustainable Economies Law Center,<sup>1</sup> porque estão interessadas em mergulhar na multidão e fazer a migração de seus negócios para o modelo de cooperativa.

Em São Francisco, a Loconomics<sup>2</sup> é uma cooperativa de trabalhadores freelancers (em versão beta) onde os membros são donos de ações, recebem dividendos e possuem voz na gestão da empresa. Não há oferta e margem de lucro. A Loconomics oferece massagens e outros serviços que

1 Sustainable Economies Law Center. <http://www.theselc.org>.

2 Loconomics Cooperative. <https://loconomics.com>.

já estão nos locais onde são oferecidos. A inscrição custa us\$ 29,95 por mês. Xs fundadorxs estão testando o aplicativo na área de São Francisco no início de 2016 e pretendem lançar em outras cidades ao longo do ano.

Ali Alkhatib, um estudante de doutorado em Ciência da Computação em Stanford, trabalhou na Microsoft FUSE Labs no desenho de uma “plataforma de economia em pares centrada nxs trabalhadorxs e generalizável” que permitia que trabalhadorxs fossem donxs, operassem e controlassem o software.<sup>3</sup> O projeto ainda está nos seus estágios iniciais.

Na Alemanha, a Fairmondo começou como um mercado online descentralizado de propriedade dxs próprixs usuárixs – uma alternativa cooperativa à Amazon e à eBay. Com 2 mil membrxs, ela aspira a eventualmente se tornar uma alternativa genuína aos grandes players em comércio eletrônico, enquanto permanece verdadeira aos seus valores. O site também promove um pequeno número de trocas justas e empresas eticamente comprometidas. No processo de transferência de seu modelo da Alemanha para outros países, buscam construir um mercado online global descentralizado que é coletivamente possuído por todas as cooperativas locais.

A Coopify<sup>4</sup> é uma plataforma de trabalho construída por estudantes que, em breve, irá servir trabalhadorxs de baixa renda que oferecem serviços sob demanda. Ela foi criada pelo programa de MBA em tecnologia da Cornell, financiada pela

3 Alkhatib, Ali. Designing Worker-Centric Labor Markets. 13 nov. 2015. <https://ali-alkhatib.com/media/presentations/PlatformCooperativism.pdf>.

4 Seed.coop. <https://seed.coop>.

Robin Hood Foundation, de Nova York. Xs trabalhadorxs da Coopify serão pessoas de baixa renda de Nova York que estão desempregadas e que não possuem histórico de crédito que lhes permitam participar de outros mercados online. A plataforma, que tem seu próprio sistema de referência e apoio multilíngua, irá oferecer aos trabalhadorxs apoio com tributos e permitirá que o pagamento seja feito em dinheiro. A Center for Family Life (CFL) em Sunset Park, Nova York, é uma agência de apoio social que está testando a Coopify. A CFL está incubando cooperativas de trabalho como uma forma de promover salários justos e condições de trabalho dignas para imigrantes de baixa renda desde 2006. O centro apoia 9 cooperativas, uma rede de cooperativas e um total de 180 cooperativas de trabalhadorxs – a maioria, mulheres latinas. Coopify irá ajudar essas 9 cooperativas a competir melhor com empresas como Handy e Amazon Flex.

#### Plataformas cooperativas controladas por cidades

Após falar de produtorxs culturais, deixe-me agora fazer um grande salto e discutir propriedade pública, algo que apresenta um problema de imagem nos Estados Unidos. O economista político e fundador da Democracy Collaborative, Gar Alperovitz, escreve que há mais de 2.000 entidades públicas do setor elétrico que, juntamente com cooperativas, garantem mais de 25% da eletricidade nos EUA.<sup>5</sup> Alperovitz indica a longa história de cidades como Dallas, que

5 Alperovitz, Gar; Hanna, Thomas M. Socialism, American-Style. *The New York Times*. 23 jul. 2015. <http://www.nytimes.com/2015/07/23/opinion/socialism-american-style.html>.

tinha a propriedade de hotéis, e municipalidades em todos os EUA que detinham hospitais. Contrariamente à opinião pública, esse modelo tem aparentemente funcionado bem.

Janelle Orsi tem detalhado ideias sobre propriedade e Internet. Respondendo à minha proposta de clonar e reestruturar tecnologias da economia do compartilhamento com valores democráticos em mente, Orsi sugeriu um empreendimento desenhado por uma cidade, similar ao Airbnb, que pudesse servir como um mercado online onde as pessoas alugam seu espaço para viajantes. Tal projeto já está em execução em Seul, na Coreia do Sul, que está propondo criar a Cities Alliance for Platform Economy (CAPE) com o objetivo de organizar cidades em torno da ideia de plataformas. Foi batizado como Munibnb e pode ser criado como colaboração entre um grande número de cidades que iriam reunir seus recursos para criar um software de plataforma para aluguéis de curta temporada. Essas cidades, então, poderiam determinar que aluguéis de curta temporada em suas municipalidades devessem passar por esse portal. As taxas poderiam ficar com as pessoas donas dos imóveis e poderiam ser direcionadas parcialmente ao município, que poderia usá-las para políticas para idosos ou manutenção de vias públicas. Orsi pergunta:

Por que milhões de dólares de viajantes escorrem de nossas cidades para as mãos de acionistas corporativxs ricxs, especialmente se não é muito difícil iniciar operações por meio de algo como o Munibnb?<sup>6</sup>

6 Schneider, Nathan. 5 Ways to Take Back the Tech. *The Nation*, 27 maio 2015. <http://www.thenation.com/article/5-ways-take-back-tech>.

Outro aplicativo, sugerido por Orsi, se chama Allbnb e envolveria o pagamento a residentes do dividendo dos lucros do aluguel dessa plataforma, comparável ao Alaska Permanent Fund, que paga a residentes alguns milhares de dólares todo ano, em razão do lucro que o estado de Alaska tem com a venda de petróleo. Esses aplicativos parecem factíveis de programar; eles permitiriam que cidades tivessem não somente um papel regulatório na “economia sob demanda”; as cidades estariam ativamente moldando tal economia.

#### Plataformas de propriedade dxs “produusuárixs”

Estou usando o termo “produusuário”,<sup>7</sup> que não é um erro de digitação, mas uma junção dos termos “usuário” e “produtor”.<sup>8</sup> Plataformas de propriedade dxs produusuárixs são uma resposta às plataformas monopolísticas como Facebook e Google, que estão atraindo usuárixs com a promessa de “serviço gratuito” enquanto monetizam seu conteúdo e seus dados.

E se pudéssemos ser donxs de nossa própria versão do Facebook, Spotify ou Netflix? E se xs fotógrafxs do Shutter-

7 N.T.: A tradução do termo *producer*, criado por Axel Bruns, por *produusuário* foi feita por Camila Wenzel, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Ver: Wenzel, Camila. A nova economia e o “produusuário” no Second Life. In: XIV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, RIO DE JANEIRO, 7-9 maio 2009. <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/RI4-0898-1.pdf>.

8 Sobre o termo *produsage*, criado por Axel Bruns, ver Schneider, Nathan. Owing is the New Sharing. *Shareable*, 21 dez. 2014. <http://www.shareable.net/blog/owning-is-the-new-sharing>.

tock pudessem ser donxs das plataformas onde suas fotos estão sendo vendidas?

Sites como Member's Media, Stocksy e Resonate são um passo na direção de responder essas perguntas. Eles oferecem aos produtores a oportunidade de copropriedade do site por meio do qual eles estão distribuindo suas obras de arte. Plataformas de propriedade dos produtores permitem que artistas construam suas carreiras pela copropriedade das plataformas por meio das quais vendem seu trabalho.

A plataforma baseada em Berlim Resonate<sup>9</sup> é uma cooperativa de *streaming* de música possuída pelas pessoas que a utilizam. Na Resonate, usuários fazem o *stream* de uma música até que sejam donos dela. Na primeira vez que uma música é tocada, ela custa 0,002 centavos, na segunda vez 0,004 centavos, e na quarta ou quinta vez, eles se conectam com ela; e, por fim, viram donos dela.

A Stocksy<sup>10</sup> é uma cooperativa de artistas para a formação de bancos de fotografias. A cooperativa é baseada na ideia de compartilhamento de lucros e copropriedade com os artistas que contribuem com fotos para o site. Artistas podem se candidatar para se tornarem membros e, quando aceitos, licenciam imagens e recebem 50% da comissão de vendas, bem como uma divisão dos lucros no final do ano. O objetivo da cooperativa é criar carreiras sustentáveis para os membros. Em 2014, as receitas chegaram a US\$ 3,7 milhões de dólares, e, desde a fundação da cooperativa, foram pagos milhões de dólares em lucro para os artistas.

9 Resonate. <http://resonate.is>.

10 Stocksy. Raising the bar—and the industry's expectations—of stock photography. <https://www.stocksy.com/service/about>.

A Member's Media<sup>11</sup> é uma plataforma de mídia possuída cooperativamente que se dedica a produtos e fãs de filmes independentes. As pessoas usando e produzindo para esse site – xs produusuárixs – possuem a maioria da plataforma junto com xs membrxs originais e xs investidorxs.

Plataformas de trabalho mantidas por sindicatos

Há muitos exemplos, de Denver a Newark, onde taxistas e sindicatos começaram a trabalhar juntxs, construindo aplicativos e organizando o setor de táxi. E, se as empresas forem inteligentes, elas irão saudar os sindicatos, pois estudos mostram que trabalhadorxs sindicalizadxs têm uma taxa de retenção melhor e, ao menos, a mesma produtividade.<sup>12</sup>

Em Newark, Nova Jersey, o serviço Trans Union Car começou como um serviço de táxi sem fins lucrativos com motoristas que eram parte do United Transportation Alliance of New Jersey e afiliadxs ao cwa – Communications Workers of America local. Motoristas se beneficiam do sindicato com muitas proteções, como acesso a crédito, planos de saúde para imigrantes, bem como fundos de pensão. A empresa está agora planejando expandir para Atlantic City, Elizabeth e Hoboken.

Já em 2007, motoristas de táxi se uniram ao cwa local e, dois anos mais tarde, conseguiram lançar a Union Taxi, a primeira cooperativa de propriedade de motoristas de Denver. Elxs também estão recendo apoio da organização

11 MEMBER'S MEDIA. <http://membersmedia.net>.

12 Triplett, Jack (Ed.). *The Measurement of Labor Cost*, University of Chicago, 1983, p. 101.

tworkerivote.org, que ajuda cooperativas sindicalizadas a ajudá-las a encontrar caminhos para negociar salários, planos de benefícios e programas de treinamento. O capital inicial, geralmente um grande problema para cooperativas, é uma questão menor, pois xs motoristas já possuem o equipamento.

A organização sem fins lucrativos California App-Based Drivers Association (CADA)<sup>13</sup> reuniu motoristas de empresas de intermediação de transporte como Uber, Lyft e Sidecar. Xs motoristas da CADA não são empregadxs e, portanto, não podem se tornar membrxs do sindicato. No entanto, o sindicato Teamster Local 986, da Califórnia,<sup>14</sup> pode fazer pressão para uma regulação amigável ax motorista. Tenta-se garantir que xs motoristas trabalhando para empresas como Lyft e Uber estão falando com uma voz unificada.

### Cooperativas de dentro

Outra proposta sedutora e imaginária é a ideia de cooperativas de trabalho se formando dentro da barriga da economia do compartilhamento. Motoristas da Uber poderiam usar a infraestrutura técnica da empresa para formar seus próprios empreendimentos. Tal tomada hostil pelxs trabalhadorxs poderia ser imaginada como o resultado de uma ação antitruste comparável àquela que foi movida contra a Microsoft após o lançamento do Internet Explorer.

<sup>13</sup> CALIFORNIA APP-BASED DRIVERS ASSOCIATION. <http://www.cadateamsters.org>.

<sup>14</sup> Local 986. <http://www.local986.org>.

A plataforma como protocolo

Talvez, então, o futuro do trabalho não será ditado por plataformas centralizadas, mesmo se elas forem operadas por cooperativas. Talvez, elas serão interações ponta a ponta facilitadas por protocolos que permitem interações ponta a ponta. Em Israel, por exemplo, a La'Zooz<sup>15</sup> é uma rede de caronas e transporte distribuída de ponta a ponta. Enquanto o Member's Media quer que você pense neles como o Netflix para produtorxs e fãs, de propriedade dxs produusuárixs, a La'Zooz pode ser relacionada ao BitTorrent do compartilhamento de transporte. Qualquer umx que está dirigindo em uma cidade pode receber *crypto tokens* ao levar umx viajante para algum destino. De modo distinto ao sistema previamente descrito, este é inteiramente ponta a ponta, não há um ponto central, nenhum QG.<sup>16</sup>

15 Lazooz. <http://www.lazooz.net>.

16 Também em Israel, mas sem uma cooperativa de plataforma, a Google lançou uma nova versão do aplicativo Waze, que conecta passageirxs que querem chegar ao trabalho com motoristas que fazem rotas similares. Motoristas são pagos de acordo com a distância percorrida, mas o sistema é configurado de um modo que xs motoristas não podem fazer disso um negócio lucrativo.



# IV

## DEZ PRINCÍPIOS PARA O COOPERATIVISMO DE PLATAFORMA



Uma discussão técnica de valores, regras e princípios para as plataformas cooperativas, sem dúvida, é para aqueles já comprometidos. Em primeiro lugar, é claro, deve existir um anseio por soluções cooperativas. Astra Taylor mantém a sabedoria de Elaine Browne, antiga líder do movimento Panteras Negras: “você nunca se organiza ou se mobiliza a partir de princípios abstratos”.<sup>1</sup> Por outro lado, uma vez comprometidos, princípios e valores associados com o cooperativismo de plataforma se tornam essenciais.

Juliet Schor conduziu duzentas entrevistas com trabalhadores da economia do compartilhamento. Sua sugestão é:

Tenha certeza que você tem a proposição de valor correta. O que você está oferecendo precisa ter um valor econômico para as pessoas que você quer atrair. No ambiente das entidades sem fins lucrativos, isso é algo que falta. O ambiente de empresas que buscam lucro encontra essa proposição com frequência.<sup>2</sup>

Para além dos pontos de Schor, influenciados pelo pensamento do sindicato alemão *ver.di*,<sup>3</sup> estou propondo os seguintes princípios para as plataformas cooperativas:

- 1 Rushkoff, Douglas. How Digital Media Finally Enables Distributed Enterprise; Response Astra Taylor. Cooperativism to Come. *Internet Society*. <http://livestream.com/internetsociety/platformcoop/videos/104571608>.
- 2 Schor, Juliet. Platform Cooperativism: The Internet, Ownership, Democracy, 13-14 nov. 2015. <https://vimeo.com/149540417>.
- 3 VER.DI. Innovation und Gute Arbeit. *Digitale Arbeit*. <https://innovation-gute-arbeit.verdi.de/themen/digitale-arbeit>.

1 – Propriedade: uma das principais narrativas do que era chamado de economia do compartilhamento era uma rejeição da propriedade. A “geração Y”, ou geração do milênio, não está interessada em posses físicas, é o que dizem; só quer “acessar as coisas”. Não fazem *download* das músicas; querem fazer *streaming*. Não compram carros; são fãs de corridas compartilhadas. Nossa narrativa, em contraste, é sobre uma Internet centrada nas pessoas.

A Internet foi desenhada como uma rede militar e científica em 1969. Mas, de 1990 a 1994, a National Science Foundation planejou passar a rede para empresas privadas que iriam então ser donas de cabos e roteadores. Em 1995, o fundo público de infraestrutura para a Internet, NSFNET – National Science Foundation Network, foi oficialmente passado ao setor privado. Desde então, a Internet nos trouxe muito em quase todas as áreas, mas deixou a questão da propriedade compartilhada intocada.

Esse debate não é sobre *gtxs* *fofinhxs* no Reddit; é sobre uma Internet de propriedade. Plataformas cooperativas de propriedade coletiva, possuídas pelas pessoas que geram a maioria do valor nessas plataformas, podem revigorar essa mentalidade pública inicial. O cooperativismo de plataforma pode mudar o modo como pessoas comuns pensam sobre suas relações na Internet.

2 – Pagamentos decentes e seguridade de renda: em 2015, em sistemas de trabalhos de multidão como o Mechanical Turk da Amazon, *trabalhadorxs* *novatxs* – que geralmente possuem boa formação educacional – foram pagos entre dois e três dólares por hora, o que é uma desgraça em um país rico como os Estados Unidos. Assim como trabalha-

dorxs domésticxs que são escondidos nas casas das pessoas, trabalhadorxs digitais permanecem invisíveis, escondidxs entre algoritmos. A Domestic Workers Alliance revidou. Em um evento na Casa Branca, introduziram o “Código de Bom Trabalho” com uma demanda simples: “todos precisam de um pagamento justo e benefícios para sobreviver”.<sup>4</sup>

**3 – Transparência e portabilidade de dados:** transparência não é somente transparência operacional. O mercado online cooperativo Fairmondo, por exemplo, enfatiza que todo o orçamento da cooperativa é disponibilizado publicamente. Mas a transparência é também aplicada ao manejo dos dados, especialmente dos dados dxs consumidorxs. Deve haver transparência no modo como os dados são coletados, analisados, estudados e para quem eles são vendidos.

**4 – Apreciação e reconhecimento:** uma boa atmosfera de trabalho deve fazer parte desta discussão. Trabalhadorxs merecem o reconhecimento e a apreciação dxs proprietárixs e operadorxs. A habilidade dxs trabalhadorxs de se comunicar com xs operadorxs das plataformas é central nesse contexto. Quando trabalhadorxs são remuneradxs com atraso, não compensadxs ao longo do tempo,<sup>5</sup> ou demitidxs, devem ter um direito executável de obter uma explicação.

**5 – Trabalho codeterminado:** plataformas de trabalho deveriam envolver trabalhadorxs desde o momento da pro-

4 GOOD WORK CODE. <http://goodworkcode.org>.

5 Cerca de 70% de *freelancers* nos Estados Unidos reportam que são pagxs com atraso com frequência.

gramação da plataforma e durante o seu uso. Dessa forma, também, operadorxs podem aprender muito mais sobre o ritmo de trabalho dxs trabalhadorxs. Como Juliet Schor disse, “comece [uma cooperativa] com as pessoas com que você quer permanecer”. Desde o primeiro dia, envolva as pessoas com as quais você quer popular sua plataforma.

**6** – Uma moldura jurídica protetora: plataformas cooperativas demandam ajuda jurídica pois elas são consideradas incomuns. Sua ajuda é também necessária quando se trata de defender cooperativas contra ações legais adversas. O triunfo das sociedades anônimas tem sido atingido por meio do controle do sistema jurídico, econômico e político. As leis dos EUA subsidiam corporações em detrimento do bem-estar das pessoas. Por exemplo, cooperativas podem precisar de regulações locais amenas para manter um nível de disputa igualitário – mas xs reguladorxs federais podem tentar impedir isso. Titulares mais estabelecidas podem tentar manter xs trabalhadorxs afastadxs das plataformas cooperativas. Legisladorxs podem desafiar as cooperativas, ou fazerem lobby na legislação estadual para torná-las ilegais. Por fim, como Frank Pasquale observou, há uma inconsistência bizarra na legislação concorrencial dos EUA baseada na diferença entre monopólios e cooperativas.<sup>6</sup> Enquanto monopólios possuem passe li-

6 Pasquale, Frank. Mitigation Strategies for Platform Cooperatives. In: PLATFORM COOPERATIVISM CONFERENCE. *Making it Work: Platform Coop 2015*, 13 nov. 2015. <https://archive.org/details/HoerleFriI>. Ver também: Woodcock, Ramsi. Inconsistency in Antitrust. *University of Miami Law Review*, v. 68, 03 dez. 2013. [http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=2514030](http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2514030).

vre nos EUA se eles surgirem “naturalmente” (seja lá o que isso significa), uma federação de cooperativas tentando derrubar uma empresa estabelecida pode ser responsabilizada, de acordo com a legislação concorrencial, se tentar controlar os preços ou mesmo definir padrões de conduta. Enquanto os EUA aceitam os monopólios se eles estão jogando vagamente com as regras, isso é inaceitável quando se trata de cartéis. Os poderes do governo promovem o sistema de dominação corporativa e a marginalização das classes médias.

7 – Proteções trabalhistas portáteis e benefícios: tanto xs trabalhadorxs do setor de trabalho autônomo e trabalho temporário quanto xs trabalhadorxs da economia tradicional deveriam ser capazes de receber benefícios e proteções, dentro e fora de cenários cambiantes de trabalho. Proteções sociais não deveriam ser restritas a um ambiente de trabalho específico. O governo francês está testando essa ideia e, nos EUA, Steven Hill, um autor baseado em São Francisco, é uma das pessoas que fez essa proposta no seu último livro “Raw Deal: How the ‘Uber Economy’ and Runaway Capitalism are Screwing American Workers”. Cada trabalhadorx receberia uma “Conta de Seguridade Individual”, por meio da qual todo negócio que contrata aquelex trabalhadorx pagaria uma pequena “taxa de rede de segurança” relacionada ao número de horas durante as quais x trabalhadorx está empregadx naquele negócio. Esses fundos seriam então usados para pagar cada rede de segurança dxs trabalhadorxs, gerindo os fundos em infraestruturas já estabelecidas como seguridade social, Medicare, seguro desemprego e fundos de saúde como Obamacare. Adicionalmente, esse

plano iria garantir um mínimo de cinco dias de auxílio-doença e férias pagas para cada trabalhadorx.<sup>7</sup>

Uma consequência importante dessa proposta é que, ao colocar quase todxs xs trabalhadorxs em um nível similar, se reduziriam enormemente os incentivos para que empregadorxs se apoiassem em autônomxs como uma forma de evitar pagar os benefícios e o apoio a trabalhadorxs. Essas mudanças podem ser implementadas no nível local ou estadual. A população não precisaria esperar que um Congresso disfuncional se mova nessa direção. Muito irá depender dos detalhes desse programa, o que pode também facilmente se tornar um disfarce para mais desregulamentação.

**8** – Proteção contra comportamento arbitrário: a Uber é conhecida por sua disciplina arbitrária e por suas práticas de demissão. Sem qualquer aviso, motoristas podem ficar sem qualquer renda.<sup>8</sup> As razões para demitir motoristas geralmente não são claras na medida em que a empresa se recusa a responder às exigências dxs motoristas, que demandam uma explicação, um problema que outrxs trabalhadorxs também enfrentam em outras plataformas.<sup>9</sup> No Lyft, motoristas que não obtêm cinco estrelas são chutadxs

7 Atualmente, 60 milhões de trabalhadorxs do setor privado nos EUA não possuem acesso ao auxílio-doença.

8 Huet, Ellen. How Uber's Shady Firing Policy Could Back-fire on the Company. *Forbes*, 30 out. 2015. <http://www.forbes.com/sites/ellen-huet/2014/10/30/uber-driver-firing-policy>.

9 Para a discussão da situação do *Mechanical Turk* da Amazon, ver Irany, Lilly. Difference and Dependence among Digital Workers: the case of Amazon Mechanical Turk. *The South Atlantic Quarterly*, v. 114, n. 1, p. 225-234, jan. 2015. doi: 10.1215/00382876-2831665.

para fora da plataforma. Consumidorxs assumem poderes gerenciais sobre as vidas dxs trabalhadorxs, o que ocorre com enormes consequências.

E se isso não fosse suficiente, o sistema de reputação da Uber penaliza motoristas por passageirxs com dedos pesados que simplesmente tocam no botão errado ao avaliar umx motorista, colocando a vida cotidiana dx motorista em risco.

O sistema de reputação dxs trabalhadorxs da Uber é hospedado “na nuvem”, em um servidor centralizado e privado da empresa. Assim como outras estrelas da economia do compartilhamento, isso torna impossível para xs trabalhadorxs capitalizarem a partir de suas reputações. Quando estão partindo para outra plataforma, devem começar do zero. Como consequência, é essencial que xs trabalhadorxs estabeleçam seus próprios sistemas de reputação e identidade descentralizados. Projetos como Traity<sup>10</sup> ou Crypto Swartz<sup>11</sup> estão trabalhando nessa direção.

**9 – Rejeição de vigilância excessiva do ambiente de trabalho: vigilância excessiva do ambiente de trabalho na linha dos diários da oDesk<sup>12</sup> ou as resenhas constantes do TaskRabbit precisam ser rejeitadas.**

10 Traity. <https://traity.com>.

11 Crypto Swartz Will Get You Paid for Your Great Content. *The CoinFront*, 23 jun. 2014. <http://www.disruptek.info/2014/06/crypto-swartz-could-decentralize.html>.

12 Os “diários de trabalho” do oDesk (agora UpWorks) documentam o fluxo de trabalho. Isso inclui fotografias repetidas dxs trabalhadorxs com câmeras que são embutidas nos computadores e fotografias das telas de trabalho do computador para verificar o progresso do trabalho realizado.

Onde está a dignidade do trabalho nesses sistemas? Como você se sentiria ao acordar toda manhã para competir para conseguir o trabalho que você terá que fazer naquele dia? Como você se sentiria se você fosse avaliadx a cada quatro horas por pessoas que você nem conhece? Tais práticas de vigilância violam a dignidade dxs trabalhadorxs.

**10** – O direito de se desconectar: trabalhadorxs também precisam do direito de se desconectar. O trabalho digital decente deve ter fronteiras claras, as plataformas cooperativas precisam deixar um tempo para o relaxamento, aprendizado lento e trabalho político voluntário.

É importante articular tal visão, guiada por tais princípios elevados. Levaremos muito tempo para nos aproximarmos dessa visão, que precisa ser articulada. Nossa inabilidade em imaginar uma vida diferente, no entanto, seria o triunfo supremo do capital.

Não é surpresa quando digo que o cooperativismo de plataforma encontra enormes desafios, da auto-organização e gestão dxs trabalhadorxs à tecnologia, design, educação, financiamento de longo prazo, escala de trabalho, escala de salários, competição com gigantes multinacionais e consciência pública. Outros desafios incluem a filtragem de membrxs centrais de uma cooperativa, seguro, competição com gigantes multinacionais e conscientização. Pensar nos obstáculos claramente importa. Ingenuidade e acenos entusiásticos não são o suficiente. Jodi Dean tem um bom argumento quando ela afirma que “o Goldman Sachs não dá a mínima se você cultiva galinhas”. Mas proprietárixs de empresas ficarão interessadxs se conseguirem lucrar com o crescimento de cooperativas de galinhas, sustenta-

das por um mercado online, por toda a América do Norte. Para tornar realidade o bom trabalho digital, pessoas que pensam de modo semelhante precisam organizar e lutar por propriedade democrática e direitos.

Outro desafio é aquele da mobilização dxs trabalhadorxs: trabalhadorxs da “economia 1099” não encontram colegas na pausa para almoço, elxs não param para bater papo nos corredores de sindicatos. Em vez disso, estão, em sua maioria, isoladxs uns dos outros. “Se essas pessoas precisam conquistar propriedade e poderes de tomada de decisão, o fortalecimento de suas redes sociais deve ser parte desse projeto”, enfatiza a economista Paola Tubaro em resposta à ideia do cooperativismo de plataforma.<sup>13</sup> Ocorreram algumas tentativas de criar novas formas de solidariedade entre trabalhadorxs, incluindo uma intervenção de design como o Turkopticon, um sistema de reputação de empregadorxs usado por trabalhadorxs na plataforma Mechanical Turk. Considere também o Dynamo, uma comunidade baseada em petições. Mas tudo isso tem muito pouco a ver com as organizações do trabalho tradicionais e também não cumpre a tarefa de organizar plataformas cooperativas mais facilmente. O desafio continua: como você organiza trabalhadorxs distribuídos, em primeiro lugar?

13 Tubaro, Paola. Discussing Platform Cooperativism. *Data Big and Small*. <https://databigandsmall.com/2015/12/08/discussing-platform-cooperativism>.



**V**

**PARA TODAS  
AS  
PESSOAS**



Precisamos inventar uma nova Web a serviço de um modelo macroeconômico viável, em vez de desenvolver uma economia dos dados completamente ruínoza.<sup>1</sup>

BERNARD STIEGLER

Agora mesmo, o capitalismo de plataforma está sendo definido por decisões de cima para baixo tomadas no Vale do Silício, executadas por algoritmos caixa-preta. O que precisamos é uma nova história sobre o compartilhamento, agregação, abertura e cooperação; uma história em que podemos acreditar.

O movimento cooperativo precisa chegar a um acordo com as tecnologias do século XXI. Precisaremos de algum trabalho para fazer com que a noção de cooperativas online seja tão disseminada e popularizada quanto a torta de maçã nos Estados Unidos.

A importância do cooperativismo de plataforma não reside em “matar as plataformas estrelas da morte”.<sup>2</sup> Ela não reside em destruir gigantes obscuros como Uber, mas em colocar a ideia do cooperativismo na cabeça das pessoas, incorporando diferentes modelos de propriedade e inserindo essas plataformas cooperativas no debate popular. No final dos anos 1960, início dos anos 1970, membrxs da contracul-

1 Nasi, Margherita. Stiegler on Daesh and “The Age of Disruption”. 26 nov. 2015. <http://www.samkinsley.com/2015/11/26/stiegler-on-daesh-and-the-age-of-disruption>.

2 Gorenflo, Neal. How Platform co-ops Can Beat Death Star Platforms to Create a Real Sharing Economy. *Shareable*, 3 nov. 2015. <http://www.shareable.net/blog/how-platform-coops-can-beat-death-stars-like-uber-to-create-a-real-sharing-economy>.

tura formaram comunidades utópicas; deixaram cidades para colocar em xeque a ideia de futuro ao residirem em montanhas. Frequentemente, esses experimentos falharam. Visto como parte integral da cultura, o cooperativismo de plataforma pode se tornar um importante ator da economia.

Para desenvolver plataformas cooperativas de modo bem-sucedido, exige-se mais que sabedoria prática e entusiasmo. Uma instância antiteórica, uma rejeição da autorreflexão crítica irá – como vimos no caso da contracultura nos EUA – se tornar um impedimento. Precisamos estudar as falhas e os sucessos do passado. Precisamos identificar as áreas nas quais as plataformas cooperativas possuem mais chance de êxito. Precisamos espalhar a ideologia do mutualismo, dos ideais comunitários e da cooperação que tornam tudo isso possível. O cooperativismo de plataforma pode fazer vigorar uma economia do compartilhamento genuína, uma economia solidária. Ela não irá remediar os efeitos corrosivos do capitalismo, mas pode mostrar que o trabalho pode ser dignificante ao invés de empobrecedor para a experiência humana.

O cooperativismo de trabalho não se preocupa com o próximo dispositivo ou “plataforma”, ele preocupa-se com a visão de uma vida que não é centrada nos empreendimentos acionistas. Fazer mudanças não é dar uma festa, escrever um ensaio ou organizar uma conferência; não é tão conveniente; o cooperativismo de plataforma também envolve confronto.

Para fortalecer e construir plataformas cooperativas, é essencial que pessoas com pensamento semelhante se organizem. Yochai Benkler encorajou esse movimento: “se você

pode imaginá-lo, então ele pode acontecer, se você fizer no tempo correto e capturar um mercado”.<sup>3</sup>

Não podemos perder mais tempo. Políticxs e donxs de plataformas estão prometendo proteções sociais, acesso e privacidade, mas estamos demandando propriedade. É hora de perceber que elxs nunca irão entregar isso. Elxs não podem. Mas nós devemos. Por meio do nosso esforço coletivo podemos construir o poder político para um movimento social que irá dar existência a essas ideias.

3 MAKING IT WORK: Platform Coop 2015: Platform Cooperativism Conference, 13-14 nov. 2015. <http://platformcoop.net>.



**FUNDAÇÃO  
ROSA  
LUXEMBURGO**

Rua Ferreira de Araújo, 36  
05428-000 São Paulo SP  
Tel. 011 3796 9901  
[www.rosaluxspba.org](http://www.rosaluxspba.org)

*Diretor*

Gerhard Dilger

*Coordenação editorial*

Ana Rüsche, Daniel Santini e Jorge Pereira Filho

*Projeto gráfico*

Bloco Gráfico

*Revisão*

Hugo Maciel

Esta publicação foi  
realizada com o apoio  
da Fundação Rosa  
Luxemburgo com fundos  
do Ministério Federal para  
a Cooperação Econômica  
e de Desenvolvimento da  
Alemanha [bmz].



*elefante*  
EDITORA



**AUTONOMIA**  
**LITERÁRIA**

[cc] Fundação Rosa Luxemburgo, 2016  
Você tem a liberdade de compartilhar, copiar, distribuir  
e transmitir esta obra, desde que cite a autoria e não faça  
uso comercial.

Título original  
Platform Cooperativism –  
Challenging the Corporate Sharing Economy

1ª Edição, 2016  
Impresso no Brasil

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Scholz, Trebor

Cooperativismo de plataforma: contestando a economia  
do compartilhamento corporativa: Trebor Scholz

Título original: *Platform Cooperativism: Challenging the  
Corporate Sharing Economy*

Tradução e comentários: Rafael A. F. Zanatta

São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo; Editora Elefante;

Autonomia Literária, 2016

96 pp. [Coleção Rosalux]

ISBN 978-85-683-0209-5

CDD 334

---

I. Cooperativismo – Aspectos econômicos 2.  
Compartilhamento – Aspectos econômicos 3. Internet –  
Aspectos econômicos 4. Negócios 5. Comércio eletrônico  
I. Título II. Zanatta, Rafael A. F.

Fontes Univers, Andada  
Impressão Bartira  
Tiragem 1.000 exemplares